



1290001452



IE

TCC/UNICAMP OL4p

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA

O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL
CITRÍCOLA PAULISTA E O CASO DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

José Guilherme Padovani Rosa de Oliveira

Monografia apresentada na graduação
do curso de Economia da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do Título de Bacharel em Economia

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ramos

Campinas, 2004

CEDOC/IE

TCC/UNICAMP
OL4p
IE/1452

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO 1	7
1.1 A FORMAÇÃO DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS NO CONTEXTO DA RECENTE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA	7
1.2 Os COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS E A NOVA DINÂMICA AGRÍCOLA	12
CAPÍTULO 2	14
2.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL CITRÍCOLA	14
2.1.1 <i>A dinâmica geral da modernização agrícola em São Paulo</i>	14
2.2 ALGUMAS EVIDÊNCIAS SOBRE A INDÚSTRIA A MONTANTE E A JUSANTE DA AGRICULTURA.....	17
2.3 FORMAÇÃO DO CAI NA CITRICULTURA PAULISTA.....	18
2.4 A CITRICULTURA E A MICRORREGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO.....	24
2.4.1 <i>Os principais municípios produtores</i>	25
2.4.1.1 <i>O período de consolidação da atividade (até 1980)</i>	25
2.4.2 <i>Tamanho dos estabelecimentos produtores</i>	31
CAPÍTULO 3	33
3.1 A MODERNIZAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA: O PROGRESSO TÉCNICO E A CONSOLIDAÇÃO DO CAI CITRÍCOLA	33
3.2 A FORMAÇÃO DA AGROINDÚSTRIA CÍTRICA PAULISTA.....	38
3.3 A RESTRUTURAÇÃO DO COMPLEXO CITRÍCOLA.....	41
3.4 A AGROINDÚSTRIA CITRÍCOLA	46
3.5 PRINCIPAIS ASPECTOS TÉCNICOS E COMERCIAIS DA AGROINDÚSTRIA.....	48
3.6 DESEMPENHO, OLIGOPÓLIO E BARREIRAS	50
3.7 - CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO	51
CAPÍTULO 4	56
4.1 CONCLUSÕES.....	56
BIBLIOGRAFIA.....	60

Introdução

Dentro do processo de modernização da agricultura brasileira, o movimento de desenvolvimento e consolidação dos complexos agroindustriais constitui algo recente e que se caracteriza pela integração dos capitais industrial, financeiro e agrícola nos mais variados setores. Assim como todo o processo de modernização, esse movimento aconteceu de modo desigual quando comparadas diferentes regiões e atividades, sendo que aquelas que conseguiram maior integração de capitais passaram a se destacar no contexto econômico do país. Os complexos agroindustriais que completaram sua integração são constituídos pelos seguintes segmentos: 1) o setor de bens de capital (D1); 2) a atividade agrícola moderna; 3) a agroindústria processadora (Muller 1980).

Esse processo pode ser descrito de forma resumida como a transformação da agricultura numa atividade que passa a consumir produtos industriais provenientes do setor D1, ao mesmo tempo em que fornece matéria-prima para a indústria processadora. No caso brasileiro, os setores que constituíram mais rapidamente um complexo completo estão localizados, em sua maioria, no Estado de São Paulo.

Analisando-se o processo de modernização da agricultura brasileira, principalmente a partir da década de 60, percebe-se que a citricultura, juntamente com o setor sucro-alcooleiro, possui as maiores taxas de crescimento desde então, obtidas a partir de características próprias e da dinâmica do complexo agroindustrial formado.

Como uma das principais características do CAI da laranja em São Paulo e, mais especificamente na região de Ribeirão Preto, pode ser citada a presença de poucos grupos econômicos atuando no processamento industrial enquanto a produção é realizada por milhares de produtores agrícolas em um setor altamente capitalizado, com a produção voltada basicamente para o mercado externo.

O principal motivo do crescimento da citricultura brasileira deve-se ao fato do aumento da demanda externa de suco concentrado de laranja, principalmente por parte dos Estados Unidos e da Comunidade Econômica Européia. O Brasil conseguiu obter a posição de principal exportador mundial com o setor ganhando

uma nova dinâmica com a consolidação do complexo agroindustrial, merecendo destaque a região que forma o cinturão citrícola de São Paulo, formado pelas regiões de Ribeirão Preto, Campinas e São José do Rio Preto. A região de Ribeirão Preto, que compreende o foco principal desse estudo, aparece com grande destaque dentro do setor, seja em área cultivada, produção ou produtividade da laranja.

Devido a essa característica da alta dependência em relação ao setor externo, um ponto essencial para se compreender o processo de modernização da citricultura paulista é o papel do mercado externo como impulsionador de todo o processo, dado principalmente pela posição de destaque que o produto brasileiro obteve nos principais mercados mundiais.

O objetivo principal desse estudo é identificar como ao longo do processo de modernização da agricultura paulista se desenvolve a constituição do complexo agroindustrial da laranja, paralelamente a internalização do setor produtor de bens de capital (D1), ressaltando que todo esse processo será avaliada a partir da evolução ocorrida na região de Ribeirão Preto.

A citricultura, por motivos de ordem econômica, social e também climática, despontou na economia paulista como uma atividade bastante tecnificada e com grande força econômica. Os ótimos resultados obtidos, somados ao grande impulso proveniente dos mercados externos, promoveram condições realmente atrativas para a implantação da indústria processadora de sucos, processo esse que traz um novo dinamismo para o setor.

Esse é um setor da agricultura brasileira que sofreu um intenso processo de modernização a partir da década de 60, desse modo o presente estudo visa identificar as características principais do complexo, assim como suas inter-relações e como o mesmo se desenvolveu perante a formação e evolução do CAI agrícola brasileiro como um todo. Pode-se dizer que na região de Ribeirão Preto esta estrutura é considerada como incompleta, sendo que a classificação utilizada neste trabalho segue uma linha de denominação criada por pesquisadores na década de 80 que tentaram classificar os diversos complexos agroindustriais formados no Brasil, como destaca Kageyama (1987). A partir de tal definição

foram definidas as categorias de CAI completo, CAI incompleto, as atividades agrícolas modernas e as atividades agrícolas consideradas atrasadas.

Nos complexos considerados completos, são identificadas características como inter-relações fortes e específicas entre os principais segmentos: D1, agricultura, agroindústria a mercado. Quando se compara essa estrutura com aquelas denominadas CAIs incompletos percebe-se que a principal diferença encontra-se na forma como o setor D1, produtor de bens de capital, se relaciona com os outros segmentos, atuando como um setor genérico de oferta de insumos para as agroindústrias e para o campo.

Os complexos agroindustriais que hoje existem na agricultura brasileira podem ser considerados como resultados de um processo histórico que engloba forças tanto internas como a ação dos movimentos sociais, econômicos e políticos dos agentes que participam desse conjunto de transformações; e paralelamente um movimento de forças externas comandado pelo Estado através de suas políticas públicas e suas agências que estabelecem relações constantes com os agentes antes mencionados.

A partir do início dos anos 70, o aprofundamento das relações entre o processo de produção agropecuário e os setores fornecedores de máquinas e insumos para a agricultura resultou progressivamente em um fenômeno correspondente à industrialização da agricultura pelo complexo agroindustrial. Todo esse processo mudou os rumos da modernização da agricultura, introduzindo cada vez mais uma lógica industrial de se produzir no meio rural. No estado de São Paulo, a agroindústria canavieira e cítrica são provavelmente os melhores exemplos do desenvolvimento da agroindústria, resultado de um intenso processo de modernização que traz consigo consequências como o aumento da produtividade, mudanças no modo de utilização das terras e alterações significativas nas relações de trabalho.

A problemática central do processo de modernização dessa região em particular é explicada por Kageyama, segundo a qual “o modelo de crescimento realizado na agricultura paulista, apesar de resultar em desenvolvimento heterogêneo em termos espaciais, acontece com caráter geral único e direcionado

para a elevação do patamar técnico, intensificação da exploração da terra e aumento da produtividade” (Kageyama, 1985 p. 27).

A indústria processadora de suco de laranja nasceu em São Paulo na década de 60 com duas características marcantes: a presença significativa de capitais estrangeiros e o fato da produção ser destinada essencialmente para a exportação. O baixo preço da matéria prima foi fundamental para o suco brasileiro ganhar espaço no mercado internacional, sendo, portanto, as condições da “concorrência inter-capitalista que explicam o advento da indústria brasileira de sucos” (Ramos, 1991, pg 266).

Outro argumento interessante está na tese de Kageyama (1985), segundo o qual o final dos anos sessenta (período que coincide com o início da análise do corrente trabalho) se destaca por marcar a transição entre duas fases do desenvolvimento rural. Esse é o momento quando se intensifica de maneira mais generalizada a modernização da base técnica e a consolidação do complexo agroindustrial, podendo-se citar ainda a intensa urbanização e rápido crescimento do emprego não-agrícola. O papel das políticas governamentais também merece destaque, principalmente a de crédito rural que atua articulando os interesses rurais em torno de um projeto modernizador.

Lígia Urbina, em sua tese “A modernização da agricultura paulista e as mudanças estruturais no mercado de trabalho rural” argumenta que a eficiência do processo modernizador depende primeiramente da capacidade dos setores público e privado de “gerar inovações tecnológicas que facilitem a substituição de fatores relativamente escassos por aqueles relativamente mais abundantes” (Urbina, L. 1984). Baseado neste estudo, a presente monografia se propõe a demonstrar como a região paulista de Ribeirão Preto teve suas estruturas produtivas alteradas pela intervenção privada e do governo, que determinaram o comportamento das principais condicionantes do processo de mudança tecnológica.

Comparando informações de diversas fontes, entre as quais as contidas nos Censos Agrícolas de 1970, 1975, 1980, 1985 e 1995/96 o trabalho se propõe a traçar um perfil da evolução de diversos aspectos econômicos e sociais ligados

a atividade citrícola e como o processo de modernização alterou características como o tamanho dos estabelecimentos citrícolas, o comando social da atividade, tecnificação e o destino da produção.

Capítulo 1

1.1 A formação dos complexos agroindustriais no contexto da recente modernização agrícola

Ao longo das quatro últimas décadas a agricultura brasileira passou por intensas modificações estruturais que alteraram completamente seu desempenho e participação no cenário econômico nacional. Assim como o desenvolvimento industrial, que ocorria paralelamente a esse processo, a modernização agrícola também atinge de maneira heterogênea as diferentes regiões do país, beneficiando principalmente as regiões sul e sudeste. Pode-se dizer que a formação dos complexos agroindustriais ocorre no Brasil apoiada num ciclo de modernização que tem como pano de fundo a implantação do Plano de Metas, a partir de 1956, inaugurando assim uma nova era industrial com a introdução no país de uma nova dinâmica produtiva, tecnológica e organizacional em diversas áreas como por exemplo a agricultura.

Deve-se destacar que a chamada modernização da agricultura brasileira ocorre de maneira parcial e localizada em determinadas regiões, caracterizada principalmente pela introdução de máquinas (inicialmente importadas), da utilização da química na forma de defensivos e fertilizantes, além de novos equipamentos e mudanças de culturas.

O processo de modernização da base técnica de produção foi gradativamente atingindo as mais variadas culturas ao longo do período de modernização agrícola, culminando com a industrialização da agricultura. Esse processo inicia-se a partir dos anos 60 com a transformação da agricultura num ramo de aplicação do capital industrial, ou seja, a valorização do capital industrial estende-se ao meio agrícola. Uma das principais consequências desse processo foi que a perda progressiva de espaço das pequenas propriedades frente as grandes, na maioria das vezes vinculadas ao capital industrial.

O processo de modernização é responsável por uma mudança qualitativa no processo produtivo agrícola que passa a ser marcado por novos padrões com a utilização de máquinas para o plantio, colheita, carregamento e transporte. Esse processo aliado ao posterior uso da quimificação elevaria consideravelmente a produtividade da terra.

A modificação marcante no processo de modernização da agricultura brasileira se dá na década de 60 com o processo de internalização do D1, o setor produtor de insumos, máquinas e equipamentos para a agricultura. Como afirma Kageyama (1986) o início do processo de modernização se deu baseado nas importações, causando uma dependência em relação à capacidade de exportar. Os anos 60 marcam a implantação da indústria de base no Brasil como a siderurgia, petroquímica, borracha, plásticos e química fina, ou seja, os setores que produzem os insumos básicos para a agricultura foram internalizados, tornando a modernização um processo endógeno e cada vez menos dependente da capacidade de importação. Caminhando paralelamente ao processo de industrialização que sofria a economia brasileira, a modernização agrícola vai se constituindo como algo irreversível.

De um modo geral parece haver consenso na literatura existente, acerca das transformações que ocorrem no setor agrícola brasileiro, de que o processo de tecnificação da base produtiva teve início na década de cinquenta e ocorreu com a importação dos meios de produção (sobretudo máquinas agrícolas).

Somente a partir do final da década de sessenta foi implantado no Brasil um setor industrial produtor de bens de produção voltado para a agricultura. Paralelamente à implantação desse setor ocorreu a modernização e o desenvolvimento, em escala nacional, de um mercado para os produtos industriais do sistema agroindustrial. Esse processo ficou conhecido como "modernização da agricultura" e nele ocorreram modificações significativas na forma de se produzir. Estas transformações, sobretudo as ligadas à tecnificação, estão inseridas em um movimento de mudanças significativas em nível econômico, social e territorial.

A constituição dos complexos agroindustriais, por sua vez, inicia-se ao longo da década de 70 (aproximadamente após o ano de 1975 como afirmam

alguns escritores). Kageyama (1990) afirma que o termo complexo identifica conjuntos de atividades fortemente relacionadas entre si, sendo que esses complexos acabam ditando a dinâmica dos setores agrícolas que estão inseridos.

É importante ressaltar que existem diferentes concepções a cerca do conceito de Complexo Agroindustrial. Como destaca Marafon (2001) no artigo "Industrialização da Agricultura e Formação do Complexo Agroindustrial no Brasil", o termo Complexo Agroindustrial tem sido utilizado para rotular articulações entre os setores agrícola e industrial que vêm ocorrendo na agricultura brasileira, sendo que dentro desse raciocínio duas concepções distintas se destacam. A primeira define cada CAI como integrante e parte de uma estrutura maior, conformada pelos complexos industriais de toda a economia. Nesse sentido, resultaria para fins de análise em um "macro" Complexo Agroindustrial composto por vários sistemas e cadeias agroindustriais, concepção essa defendida por pesquisadores como Machado Filho (1996) e Muller (1982).

Por outro lado autores como Kageyama e Silva apóiam o conceito da existência de "micro" CAIs, ou seja, associando essa teoria à proposta de existência de vários Complexos Agroindustriais que seriam resultado da passagem dos complexos rurais aos CAIs.

Estas duas concepções acabam sumarizando as investigações que vários pesquisadores têm dedicado à análise do processo de industrialização da agricultura e da formação do Complexo Agroindustrial no Brasil. Este trabalho centrará sua análise a partir das contribuições de Muller (1981, 1982), Kageyama (1987), Kageyama & Silva (1988) e Silva (1991).

A premissa inicial é a de que ocorrem relações intersetoriais entre agricultura-indústria. Dessa maneira a análise deve inserir as relações agricultura-indústria na perspectiva da absorção de inovações tecnológicas na agricultura. Nesse contexto o setor agrícola estaria inserido em complexos industriais determinados em seus dois extremos por setores industriais oligopolizados, sendo caracterizados da seguinte maneira: 1) a indústria para a agricultura: fornecedora de bens de capital e insumos para a agricultura (denominado de setor a montante da agricultura); 2) a indústria da agricultura: processadora da matéria-prima

agrícola – agroindústria - denominado de setor a jusante da agricultura (Martinelli, 1985).

As articulações passariam a se caracterizar dessa forma entre a indústria a montante, a agricultura e a indústria a jusante. Nesse processo alguns críticos consideram que a agricultura teria perdido o seu antigo caráter autônomo e também a capacidade de decisão dos grupos sociais rurais envolvidos.

Outra idéia central que norteia as investigações destas concepções é a de que a constituição do Complexo Agroindustrial no Brasil é recente e remonta à década de setenta. A partir desse momento se observa a industrialização da agricultura (agricultura articulada com ramos industriais a montante e a jusante, ramos estes instalados no país) e a conseqüente formação do Complexo Agroindustrial no Brasil.

A existência de articulações intersetoriais entre a agricultura e a indústria é a premissa básica para a formação do Complexo Agroindustrial, sendo que existe uma concordância entre os diversos atores que tais relações são recentes no Brasil. Apesar destas concordâncias, existem duas concepções sobre a formação do Complexo Agroindustrial no Brasil como mencionado anteriormente. Uma das concepções utiliza critérios de agregação previamente definidos e derivados do conceito de *agribusiness* proposto nos Estados Unidos na década de cinquenta, partindo da concepção de que o Complexo Agroindustrial insere-se em um espaço econômico determinado. A partir desse espaço, se poderia isolar um conjunto de atividades fortemente interdependentes, sendo que cada complexo formaria um conjunto de sistemas e/ou cadeias produtivas relativamente independentes dos demais complexos. Este recorte do Complexo Agroindustrial é denominado "macro" Complexo Agroindustrial, tendo em MÜLLER (1981, 1982, 1989) a mais expressiva contribuição para o entendimento desse processo no Brasil.

A outra concepção, que tem nos trabalhos de KAGEYAMA (1987) e SILVA (1991,1996) seus maiores expoentes, trabalha com a idéia de um processo histórico de passagem de um "complexo rural" para uma dinâmica comandada pelos complexos agroindustriais, que em contrapartida a primeira concepção acabou sendo denominada de "micro" Complexo Agroindustrial.

A figura 1.1 resume de forma ilustrativa o processo histórico pelo qual passou a agricultura nacional na busca para alcançar uma dinâmica que atualmente é comandada pelos chamados complexos agroindustriais.

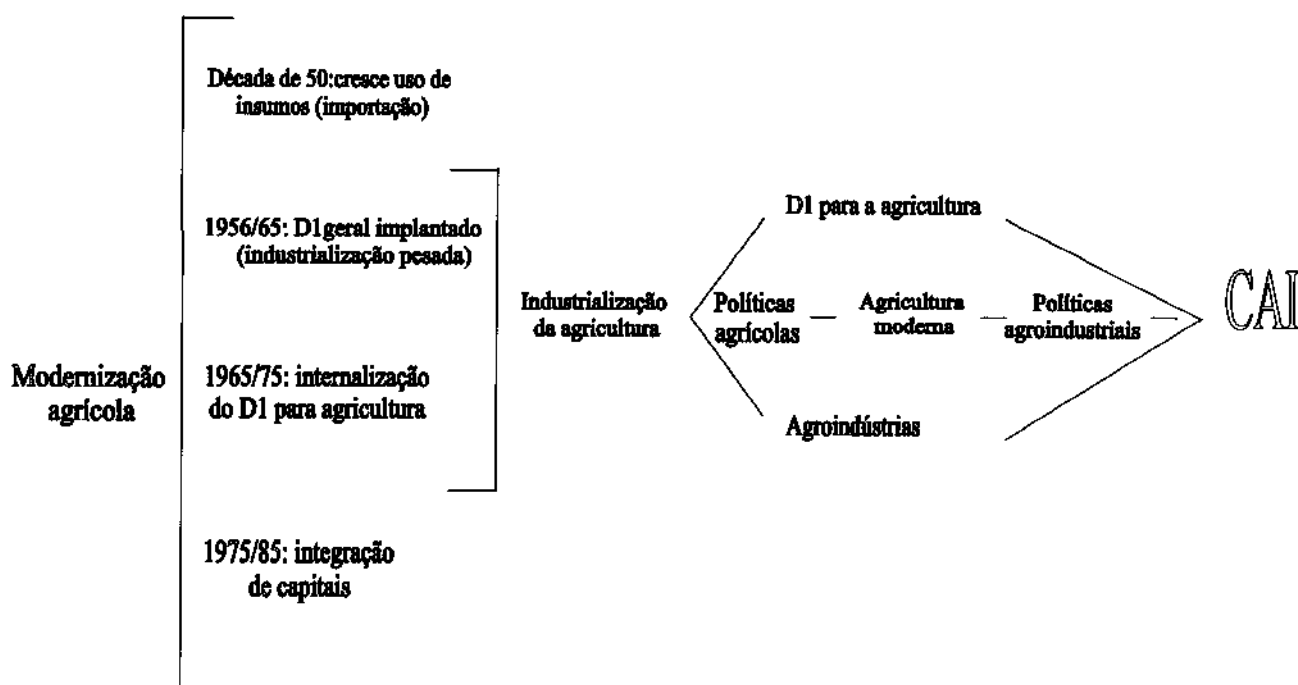


Figura 1.1 Modernização Recente da Agricultura Brasileira. Fonte: Kageyama et. Al. (1990 pg 117)

Considerando que o processo de modernização foi determinante para a evolução do meio rural no Brasil, provocando uma alteração no padrão dos setores produtivos, pode-se afirmar que esse foi um movimento lento e gradual da agricultura ao longo do século XX e que culminou nos anos 80 com a constituição dos complexos agroindustriais. A década de 70 ganha importância muito significativa nesse processo pois é neste momento que se inicia o surgimento de elementos que foram determinantes na constituição dos CAIs, como por exemplo a internalização da indústria de máquinas e insumos agrícolas, expansão e modernização do parque industrial, além da execução de políticas favoráveis ao fortalecimento das ligações entre segmentos dos CAIs.

1.2 Os Complexos Agroindustriais e a nova dinâmica agrícola

A definição precisa de um setor agrário exige uma análise completa das estruturas produtivas da agricultura, da indústria voltada para a atividade agrícola e da indústria processadora de matérias primas. Também é necessário identificar os tipos de mercado dos setores que compõe um complexo agroindustrial e os mecanismos que provocam a expansão e o bloqueio do conjunto de atividades.

Dois processos distintos encontram-se na essência das relações entre a agricultura e a indústria. Para Muller (1982) a industrialização da agricultura é o processo que designa interação das atividades agrícolas ao modo industrial de produção e a cultura organizacional das empresas em gerir a unidade econômica agrária. Resultado do crescente consumo de insumos industriais e de serviços por parte da atividade agrícola, é um processo que se encontra ainda em formação, mesmo num setor altamente capitalizado e tecnificado.

Já o processo de agroindustrialização é considerado fundamental para o autor por designar uma integração mais intensa da atividade agrária com os setores industriais e comerciais que operam com seus produtos. As exigências administrativas e técnicas passaram a regular as atividades e os setores na produção agrícola. É importante destacar que o processo de constituição do CAI enfatiza a interdependência entre indústria de insumos, atividade agrária e agroindústria, apontando para a perda do antigo caráter autônomo da produção agrícola que cada vez mais passa a se incluir na dinâmica industrial e financeira.

Algumas características apontadas por Nunes (2004) para o processo de agroindustrialização servem para evidenciar as tendências e características que a produção agrícola passa a incorporar:

- a) crescimento do processamento e distribuição de alimentos e fibras e do uso de insumos provenientes de fora do estabelecimento agropecuário;
- b) mudanças institucionais e organizacionais nas relações entre agroindústrias e estabelecimentos agropecuários, com aumento do grau de coordenação vertical;

c) mudanças na produção rural, como composição dos produtos, tecnologias e estruturas de mercado.

A partir do momento em que se deu a integração entre indústria e agricultura, verificou-se a presença de grupos econômicos que passaram a influenciar fortemente a dinâmica das atividades agrárias, resultando em grandes repercussões em suas estruturas. Diante dessa situação, dois segmentos tornaram-se tão importantes e fundamentais quanto a própria atividade agrícola: a empresa produtora de bens de capital (D1) para a agricultura e agroindústria de processamento. Desde então o segmento industrial passou a determinar a dinâmica das atividades de todo o complexo. Porém, cada CAI possui suas particularidades e, especificamente no caso do complexo citrícola, o segmento que aparece com uma importância peculiar é o mercado internacional, por atuar como vetor de indução do progresso tecnológico no setor.

Em relação à tecnologia do processo de produção, as agroindústrias caracterizam-se pela integração, automatização e o capital intensivo empregado. Assim a incorporação tecnológica no segmento processador é um fato considerável para a dinâmica de todo o CAI, como destaca Martinelli (1985).

Capítulo 2

2.1 O processo de formação do Complexo Agroindustrial Citrícola

Na análise do processo de constituição do complexo agroindustrial citrícola na região de Ribeirão Preto, devem ser consideradas as características particulares da modernização agrícola nessa região do Estado de São Paulo. Dessa maneira é necessário se compreender inicialmente como a modernização da agricultura paulista resultou no surgimento dos primeiros CAIs para posteriormente se analisar as especificidades do CAI citrícola dessa região específica.

2.1.1 A dinâmica geral da modernização agrícola em São Paulo

No período a ser destacado para análise nesse estudo, que se inicia na década de 70 prolongando-se até os dias atuais, o modelo de crescimento imposto à agricultura paulista pode ser caracterizado como uma modernização capitalista do setor, com o objetivo único direcionado para a elevação do patamar técnico, a intensificação da exploração da terra e o aumento da produtividade. Esse processo de mudança tecnológica acaba por resultar também no aumento das disparidades regionais em relação aos ganhos de produtividade e agravamento das desigualdades sociais.

A característica principal da agricultura paulista, principalmente no período 1970-80, foi a generalização de sua modernização, que se fundamentou na maior aplicação de insumos químicos e de força mecânica. Percebe-se que dentro do próprio Estado esse foi um processo desigual que atingiu preferencialmente os médios e grandes produtores e os produtos voltados à exportação e demandados pela agroindústria. Esse período corresponde ao desenvolvimento da

modernização agrícola baseada no complexo agroindustrial – caracterizado por uma intensa integração entre a produção agropecuária e os fornecedores de máquinas e insumos para a agricultura. Esse novo processo de produção, a industrialização do campo, passa a impor uma lógica industrial de produção resultando em novos rumos à modernização da agricultura. Pode-se perceber o início de uma subordinação do trabalho agrícola às exigências do capital industrial.

Na definição das principais tendências da agricultura paulista, ao longo das décadas mais recentes, destaca-se logicamente a modernização da estrutura produtiva (que ocorre em ritmo mais acelerado em comparação ao resto do país). A modernização acaba por resultar num acelerado crescimento das áreas com produtos “modernos” (seguindo classificação do IEA- Instituto de Economia Agrícola - inclui-se aí, entre outros, a laranja, foco desse estudo) enquanto se observa um recuo da área cultivada com produtos “tradicionais” (arroz, feijão, mamona). A alteração na pauta de produção pode ser associada a diversos fatores como a evolução dos preços internacionais, a pressão realizada pelas agroindústrias e também a atuação governamental que determina a distribuição do crédito rural.

Além das significativas mudanças em relação a produção, percebe-se que o período também acarretou numa intensa modificação das relações de trabalho, com crescimento de uma série de formas de trabalho temporário, além do aumento da sazonalidade do emprego agrícola. A partir de uma análise de dados do IBGE, pode-se verificar que São Paulo concentrava, em 1980, quase um quarto da PEA nacional assim distribuída: 10,4 milhões de pessoas, sendo 11,3% na agropecuária, 38,4% na indústria e os restantes 50,3% no comércio e serviços. A PEA agropecuária reduziu-se em termos absolutos entre 1960 e 1970, de 1,475 para 1,302 milhão de pessoas e novamente na década seguinte, de 1,302 para 1,175 milhão. Enquanto a PEA total de São Paulo cresceu 4,26% ao ano entre 1960 e 1980, a da agropecuária teve uma taxa de crescimento de 1,13% ao ano no mesmo período. A evolução desses dados evidencia a ocorrência de dois fenômenos simultâneos: o esgotamento da fronteira interna e a rápida modernização da agricultura paulista.

A tabela 1 mostra a disparidade entre a o nível de modernização da agricultura em São Paulo e o Brasil (lembrando-se que se fosse considerado o "resto" do Brasil, ausentando-se São Paulo, as diferenças seriam ainda mais significativas). O nível das diferentes variáveis não é apenas muito mais elevado em São Paulo como também previamente mais amplo como reflexo do desenvolvimento capitalista neste estado.

Tabela 2.1- Indicadores da modernização da agricultura, estado de São Paulo e Brasil.

Indicadores	São Paulo			Brasil		
	1960	1970	1980	1960	1970	1980
Área explorada por trator (ha)	641	277	134	3.407	1.483	572
Nº de tratores por 10000 pessoas ocup.	n.d.	433	855	n.d.	89	238
% de estab. que usam adubação	26,6	47,5	77,7	13,2	18,6	32,1
Despesa por ha explorado ¹	n.d.	1.198	2.138	n.d.	339	556
Despesa por pessoa ocupada ¹	n.d.	14.391	24.549	n.d.	4.495	7.566

¹ Em cruzeiros de 1977, deflacionado pelo Índice de Preços Pagos pelos Agricultores da FGV.

Nd= dado não disponível

Fonte: Censo Agropecuário

Dessa maneira pode-se interpretar os maiores ganhos de produtividade da agricultura paulista como resultado da existência prévia de uma base capitalista mais ampla, possibilitando um crescimento superior quando comparado às regiões que operam com bases mais restritas para a acumulação de capital.

Entre as profundas alterações que são observadas na estrutura produtiva da agricultura paulista no período destacado, o movimento principal ocorre no sentido de elevar o nível de utilização das máquinas e insumos modernos. As culturas de alto valor comercial, com grande destaque para os cultivos de cana-de-açúcar e da laranja, recebem investimentos significativos não só da iniciativa privada mas também incentivos financeiros e de infra-estrutura técnica proporcionados pelo Estado, executando tais medidas visando à modernização do campo.

Pode-se destacar:

- o surgimento de uma “nova” agricultura cada vez mais modernizada e tecnificada, caracterizada por uma crescente produção interna dos insumos mais modernos, notadamente após o Plano de Metas que possibilitou a criação das bases para a implantação da indústria produtora de insumos e maquinaria agrícola.

- o processo de modernização da indústria brasileira que, entre outros aspectos, acarreta no crescimento e modernização da indústria processadora de produtos de origem agropecuária.

- a atuação do Estado com o propósito de promover a modernização da agricultura e o desenvolvimento da agroindústria através de incentivos fiscal-financeiros.

A somatória desses diversos fatores fez com que surgisse no Estado de São Paulo uma nova relação agricultura-indústria na economia: o complexo agroindustrial. É nesse contexto em que se desenvolve o processo que é objeto central desse estudo, ou seja, a análise dos condicionantes que permitiram ao longo das últimas décadas o desenvolvimento dos complexos agroindustriais, em destaque o CAI citrícola na região de Ribeirão Preto.

2.2 Algumas evidências sobre a indústria a montante e a jusante da agricultura

O período pós década de 60 se caracteriza por um desenvolvimento da agricultura paulista apoiada principalmente no crescimento das culturas ligadas mais diretamente à indústria processadora/transformadora de produtos de origem agrícola.

Como afirma Martinelli (1987: p. 31) “a transformação da base técnica e a constituição do CAI são processos distintos e historicamente separados”. O primeiro pode ser entendido como o conjunto das transformações dos meios de produção utilizados no processo produtivo do setor agropecuário, com utilização crescente de insumos industriais. Esse período, o qual é datado do imediato pós guerra, tem o padrão de acumulação vinculado ao complexo cafeeiro como

característica predominante, sendo que inexistiam internamente as condições técnico-financeiras para a produção de bens de capital (D1) para a agricultura. A demanda de insumos era então atendida mediante importações.

O segundo momento é o da industrialização dos processos de produção agropecuária com a implantação do D1 para a agricultura na economia. Ao mesmo tempo passa a existir uma atuação do Estado visando prover crédito rural subsidiado, possibilitando a elevação do patamar de consumo desses novos insumos. Como marco inicial desse processo pode ser considerado a implantação da indústria de tratores no final da década de 50, consolidando e tornando-se endógeno o D1 para a agricultura, ou seja, a indústria a montante.

O setor agropecuário integra-se de forma progressiva à dinâmica de acumulação liderada pelo capital industrial, apoiada sobre os pilares da indústria de bens de produção e da atuação política decisiva por parte do Estado.

Num primeiro momento os setores mais dinâmicos do CAI são aqueles ligados mais diretamente à indústria de bens de capital, isto é, são os setores que se expandem com as maiores taxas de crescimento. O segmento a jusante e a agricultura são considerados inicialmente como pólos subordinados do processo.

Delgado (1984) caracteriza o grupo da indústria a jusante como sendo aquele onde a origem agropecuária das matérias primas utilizadas na produção não tenham participação inferior a 50% no valor da produção industrial. Por outro lado o ramo industrial a montante seria composto por aqueles que fornecem insumos e bens de produção de forma direta para o setor agropecuário.

2.3 Formação do CAI na citricultura paulista

A consolidação do processo de constituição do CAI conduz a agricultura brasileira a novos rumos de desenvolvimento, principalmente nos setores em que o progresso tecnológico ocorreu de maneira mais intensa. Tais complexos, altamente modernizados, passam a ser visto como um símbolo de modernidade dentro de cada setor, resultando em aumento da produção e abrindo novas

possibilidades no mercado consumidor. As particularidades envolvendo cada setor agrícola, como por exemplo a relação entre capital e trabalho ou a forma como a produção se destina ao mercado final, acabam diferenciando a dinâmica de cada complexo.

A dinâmica da agroindústria processadora de suco concentrado de laranja está inserida no contexto do complexo agroindustrial brasileiro, constituído definitivamente após 1970 com a internalização do setor produtor de bens de capital e com a expansão do parque industrial. A intensificação da industrialização da agricultura acaba levando o progresso técnico para o meio rural, acabando por trazer para alguns setores mias beneficiados novas características, dentre as quais destacam-se: o uso de tecnologia avançada (insumos químicos, máquinas e implementos agrícolas); a modificação dos sistemas tradicionais de comercialização; o aumento da utilização do sistema de crédito e o desenvolvimento das agroindústrias processadoras. Deve-se destacar a importância dentro desse processo de desenvolvimentos paralelos como a expansão dos meios de transporte, principalmente por meio das estradas, a ampliação e modernização do parque industrial e ainda a integração de sistemas de crédito e juros subsidiados, juntamente com incentivos fiscais.

As transformações tecnológicas em vários setores da agricultura tornaram-se viáveis com a implantação da indústria de bens de produção para a agricultura (D1), produzindo máquinas, implementos agrícolas e insumos químicos. Diante dessa nova configuração “tecno-econômica” ocorreu a constituição dos complexos agroindustriais, vinculando definitivamente a produção agrícola ao setor D1 e à indústria processadora de produtos de origem agrícola.

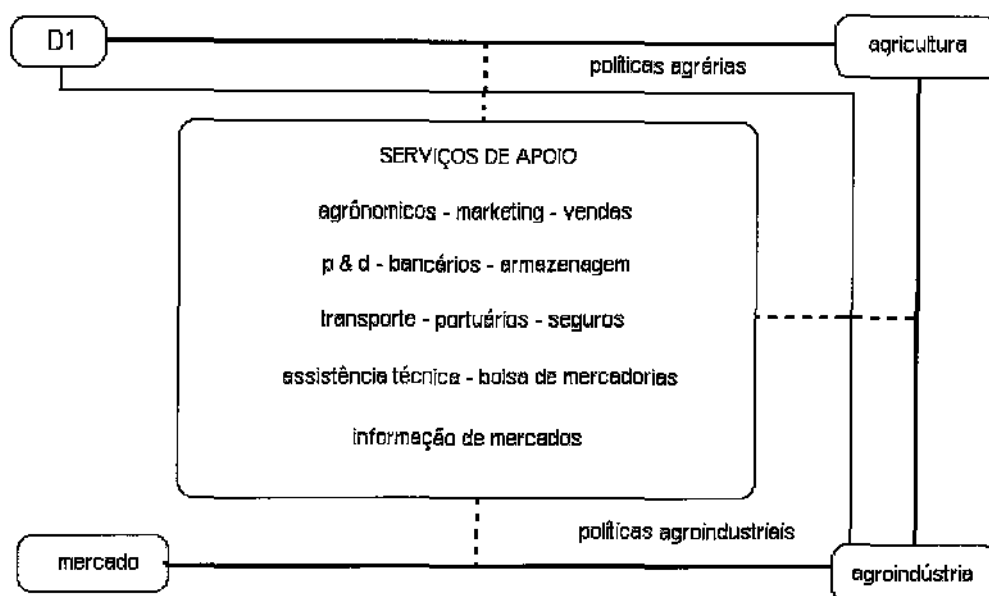
A formação e consolidação do CAI citrícola paulista é dessa forma um produto da modernização da agricultura. Com isso o desenvolvimento das atividades citrícolas passa a depender da dinâmica industrial. Apesar dos intensos movimentos de modernização e industrialização das décadas de setenta e oitenta, isso não significou a homogeneização das formas de produzir da agricultura e nem a integração intersetorial completa nos diversos tipos de atividades. Passam a

coexistir segmentos modernos e vinculados totalmente à indústria com segmentos tecnicamente atrasados e dominados pelo capital comercial.

Como afirma Kageyama (1989), o setor citrícola está segmentado nos chamados Complexos Agroindustriais “incompletos”, característica essa que se deve ao fato da atividade não manter vínculos específicos com a indústria montante, que funciona como setor genérico de oferta de equipamentos e insumos agrícolas. Apesar da atividade agrícola estar plenamente integrada às agroindústrias processadoras e ser altamente tecnificada, o conceito de complexo nesse caso acaba ficando restrito às inter-relações agricultura- agroindústria processadora, mas merece destaque a importante demanda por máquinas e equipamentos realizada pelo setor.

Como o crescimento e fortalecimento das inter-relações D1 – agricultura e agroindústria, o complexo agroindustrial citrícola busca adquirir alguns aperfeiçoamentos complementares que o possibilitariam ser caracterizado como um CAI “completo”. Para isso é necessário a existência de uma forte ligação entre a agroindústria e o setor produtor de máquinas e insumos, entre a agroindústria e a atividade agrícola e ainda, seguindo a tendência de incorporação de tecnologias, uma ligação específica da citricultura (campo) com o D1 agrícola. A figura 2.1 ilustra a estrutura de um complexo agroindustrial completo.

Figura 2.1 - Tipologia para um CAI Completo



Fonte: Kageyama (1989)

A compreensão da estrutura dos complexos agroindustriais depende de uma análise do desempenho de cada segmento que os compõe. O desempenho das agroindústrias está estreitamente relacionado com o grau de articulação mantido com o setor agropecuário. Devido a necessidade de operar com economias de escala, as agroindústrias buscam matérias-primas e produtos em quantidade, qualidade e preços compatíveis com os resultados que esperam obter. Nesse sentido o segmento a jusante atua de forma a orientar a introdução e difusão do progresso tecnológico na atividade agrícola, exercendo uma pressão na agricultura, que acaba por alterar sua forma de organização. Silva (1980) afirma que tal articulação ocorreu como consequência do processo de integração entre agricultura e indústrias a partir dos anos 60, que resultou por trazer a agricultura uma lógica industrial de produzir e distribuir.

Muller (1989) interpreta essa mesma questão dando destaque para o processo de integração afirmando que “o fato de que os produtores foram sendo incorporados segundo a capacidade de resposta que possuíam à expansão e à diversificação suscitadas pela agroindústria a às demandas provenientes das exportações e da massa de salários do mercado interno; segundo sua capacidade de se endividarem junto ao sistema financeiro; e segundo sua capacidade de racionalizar suas linhas produtivas face à nova estrutura de despesas” (p.128).

A compreensão da maneira de como se dá a relação entre indústria e agricultura é fundamental para se analisar a estrutura de um complexo. No caso da citricultura o sistema de integração entre agroindústria e os produtores é o mais difundido, sendo que tal integração se reflete na organização da produção rural. Juntamente com o estabelecimento de preços, são definidas as épocas de colheita e entrega do produto à indústria. Nesse sistema, que é predominante atualmente no setor citrícola, as agroindústrias se responsabilizam pelo transporte e armazenamento do produto da agricultura. Constitui-se assim uma integração que é somente parcial, porque o plantio, as tratamentos culturais e a gestão da produção são feitos pelos produtores de laranja. A integração se dá então na definição dos preços e propostas estabelecidas nos contratos de fornecimento da laranja entre indústrias e citricultores.

As indústrias atuam na administração desse processo realizando investimentos, de maneira a ganhar mercado, em atividades que possibilitem maior integração vertical e horizontal. Esse tipo de atuação caracteriza a fase mais recente do desenvolvimento do CAI citrícola paulista, e envolve grandes somas de investimentos visando evitar prejuízos com o lento giro do estoque agrícola. A sazonalidade da produção agrícola resulta em compras de matéria-prima concentradas em curto período e, por outro lado, em processamento ao longo do ano todo.

Tais características exigem somas consideráveis de recursos e investimentos, resultando assim numa característica fundamental que é a existência de barreiras à entrada ao setor. Nesse sentido, o processo de

concentração é verificado em muitos segmentos de processamento de setores agroindustriais.

De forma geral o segmento a jusante no complexo agroindustrial possui uma estrutura mais concentrada, o que possibilita maior poder de barganha e influência sobre a organização da produção agropecuária (Martinelli 1985). Essa característica particular acaba afetando o funcionamento do sistema, já que não se mantém uma relação de troca e níveis de rentabilidade considerados adequados aos diferentes segmentos do CAI. Dessa forma, sendo que o desenvolvimento das atividades agrícolas passou a depender da dinâmica industrial, com grande parcela dessas atividades integrando-se nas relações inter-industriais, percebe-se que essa característica concentradora do setor a jusante predomina desde a formação e consolidação do CAI. No caso da laranja, o grau de concentração do segmento processador tornou-se ditador das regras dentro do complexo, elevando o seu poder de influência perante a atividade agrícola.

O setor citrícola paulista está voltado quase totalmente para a exportação. As indústrias do segmento processador sofreram o impulso do progresso tecnológico dado pelo processo de constituição do CAI nacional. Tais empresas definiram um processo de homogeneização da estrutura produtiva, tanto no aspecto organizacional como no administrativo. No segmento agrícola, diferentemente, se observa uma heterogeneização clara, partindo de pequenos e médios produtores de laranja que não conseguiram acompanhar o ritmo de desenvolvimento técnico alcançado pela citricultura, principalmente pelas agroindústrias processadoras de suco de laranja.

Diversos autores concordam que de um modo geral as relações pelas quais se dá a integração agricultura-indústria no setor da laranja seguem as características básicas de muitos CAIs, como o da cana-de-açúcar, soja, ou outros considerados completos.

2.4 A citricultura e a microrregião de Ribeirão Preto

A citricultura que se desenvolveu ao longo das últimas décadas na microrregião de Ribeirão Preto, assim como em outras áreas do estado de São Paulo, é uma atividade bastante tecnificada e com grande força econômica. Os volumes crescentes de produção de laranja e a implantação da indústria processadora de sucos, constituindo assim a agroindústria citrícola a partir do final da década de 60, tiveram como estimulante as ótimas condições do mercado internacional.

A citricultura paulista inicia uma nova fase após a II Guerra Mundial, manifestando grande poder de crescimento frente às demais culturas. Nesse período, a atividade se desenvolveu marcada pelo caráter capitalista de produção e comercialização da laranja, inserindo-se cada vez mais como uma atividade de grande importância econômica para a agricultura e não mais como uma simples alternativa econômica para as culturas em decadência como o café.

O maior desenvolvimento da região de Ribeirão Preto na produção citrícola ocorre a partir da década de 60, quando se intensifica o deslocamento regional da produção dentro do estado de São Paulo. Observa-se nesse momento a perda da participação no total da produção de algumas regiões mais tradicionais dentro do estado como a do “município de Limeira que já não tinha a mesma dinâmica e vigor diante dos novos centros citrícolas”, como destaca Martinelli (1987, pág. 114). Algumas novas regiões passam a apresentar níveis de rendimento superiores aos observados em municípios tradicionalmente produtores de laranja.

Esses novos centros produtores de cítricos são organizados em bases organizacionais-produtivas mais desenvolvidas, refletindo os maiores investimentos em busca do lucro realizados dentro da lógica capitalista. Conseguindo obter maiores rendimentos permitiu-se a manutenção de um bom patamar de rentabilidade para os citricultores e/ou exportadores.

Nas novas regiões produtoras, entre as quais se encontra a região de Ribeirão Preto, a atividade citrícola tornou-se uma atividade moderna, caracterizada pelo uso crescente de máquinas agrícolas e insumos modernos

(adubos, fertilizantes, corretivos entre outros), assim como o emprego crescente de mão-de-obra assalariada no processo produtivo.

Um dos principais fatores que impulsiona esse novo ciclo de expansão da cultura cítrica é a manutenção de favoráveis preços que acabam por estimular a produção. Numa comparação entre os preços reais médios entre os principais produtos da agricultura paulista (café, cana-de-açúcar, arroz, milho, algodão, tomate) percebe-se que os preços reais médios da laranja foram aqueles que apresentaram os maiores índices de crescimento (período 1951-58) com elevação de cerca de 70% (superando pela primeira vez o crescimento dos preços médios do café)¹.

Dessa maneira o comportamento que se observa na região de Ribeirão Preto não se deu espontaneamente, mas ocorre refletindo o surgimento de uma nova realidade econômica para o produto fundada na ampliação dos investimentos no setor citrícola diante de favoráveis condições.

2.4.1 Os principais municípios produtores

2.4.1.1 O período de consolidação da atividade (até 1980)

Uma análise da evolução da produção de laranja na DIRA de Ribeirão Preto mostra que esta cresceu 303,3%² no período compreendido entre 1969 e 1982. Um estudo mais detalhado da dinâmica da cultura de laranja pode ser feito através da evolução desta cultura, quando comparada com a das principais atividades agropecuárias nesse mesmo intervalo de tempo. Essa comparação acaba por revelar que a expansão da laranja supera a obtida por culturas como a cana-de-açúcar, o café e cebola, sendo superada somente pela soja que apresentou ao longo desses treze anos um crescimento de 480%. Dessa maneira é notória a importância econômica do crescimento da atividade citrícola para esta região, desenvolvendo assim uma cultura moderna, inserida nas transformações que a

¹ IEA – Instituto de Economia Agrícola

² IBGE – Censo Agropecuário

agricultura paulista vem sofrendo ao longo das últimas décadas. Dentre essas modificações é marcante o melhor desempenho dos produtos voltados à exportação quando comparados com os de consumo majoritariamente interno.

A cultura de laranja, segundo alguns autores, foi responsável pela queda na evolução relativa das áreas destinadas às culturas de alimentação. Dentre aqueles que defendem essa teoria, Camargo e Santos (1985) afirmam que a partir de 1968/69 nas DIRAs de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, as culturas que mais cederam área para a expansão da laranja foram a pastagem, arroz e milho.

A partir de dados dos Censos Agrícolas nota-se que no ano de 1970 os municípios da DIRA de Ribeirão Preto eram responsáveis por aproximadamente 38% da produção colhida no Estado de São Paulo, participação esta que se eleva continuamente ao longo dos anos atingindo 45,3% em 1975 e 47,3% em 1980 (Martinelli, 1987: 146). Em relação à evolução da área relativa da cultura ocorre um crescimento de 315% nesse período de dez anos.

A relação dos principais municípios produtores de laranja pode ser vista nas tabelas a seguir que trazem informações como produção colhida, área, produtividade e participação da área colhida com laranja na área total dos estabelecimentos.

Tabela 2.2 - Produção Colhida, área e rendimento dos principais municípios citrícolas(*)
- 1970 -

Município	Qtd colhida (1000frutos)	Área (Ha)	Rendimento (Frutos/Ha)
Colina	96.665	1.096	88.198
Pitangueiras	84.258	1.878	44.866
Sta. Ernestina	129.035	1.323	97.532
Taquaritinga	244.987	3.696	66.284
Matão	129.289	1.440	89.784
Sta. Rita P. Quatro	128.657	1.747	73.644
Bebedouro	368.242	15.171	90.188
Araraquara	373.819	5.004	74.704
Monte Azul Pta	334.805	3.804	88.014
Pirangi	71.538	1.099	65.094
Viradouro	95847	1.130	84.820
Tabatinga	93.661	1.532	61.136
Dobrada	105.797	963	109.862

Fonte: Censo Agropecuário 1970 (*) somente laranja

Tabela 2.3 - Área cultivada com laranja (1969/70 - 1982/83) - (1000 Ha)

DIRA	1969/70	1974/75	1982/83
Campinas	62,1	126,2	142,8
Ribeirão Preto	84,2	169,5	267,9
São José do Rio Preto	25,1	58,8	126,9
Estado	188,9	379	562,6

Fonte: IEA

Tabela 2.4 - Produtividade média da cultura de laranja (1969/70 - 1982/83) - (Kg/Ha)

DIRA	1969/70	1974/75	1982/83
Campinas	9011	8179	14857
Ribeirão Preto	9551	8920	12031
São José do Rio Preto	7891	8920	15111
Estado	9391	8939	13695

Fonte: IEA

Tabela 2.5 - Produção Colhida, área e rendimento dos principais municípios citrícolas(*) - 1975 -			
Município	Qtd colhida (1000frutos)	Área (Ha)	Rendimento (Frutos/Ha)
Colina	389.807	4.777	81.600
Pitangueiras	338.997	2.771	122.337
Sta. Ernestina	149.846	1.801	83.201
Taguaritinga	731.135	8.566	85.353
Matão	257.961	2.789	92.194
Sta. Rita P. Quatro	230.307	1.952	117.985
Bebedouro	2.155.318	21.029	102.492
Araraquara	477.947	6.716	71.165
Monte Azul Pta	911.528	8.822	103.324
Pirangi	257.050	2.964	86.724
Viradouro	271.596	2.675	101.531
Tabatinga	278.729	3.724	74.847
Dobrada	145704	1.586	91.969

Fonte: Censo Agropecuário 1975

(*) somente laranja

Tabela 2.6 - Produção Colhida, área e rendimento dos principais municípios citrícolas(*) - 1980 -			
Município	Qtd colhida (1000frutos)	Área (Ha)	Rendimento (Frutos/Ha)
Colina	757.933	6.847	67.913
Pitangueiras	808.267	6.258	129.157
Taguaritinga	1.351.191	13.440	100.335
Matão	736.497	8.450	87.159
Sta. Rita P. Quatro	534.777	6.266	85.346
Bebedouro	3.206.875	30.746	104.302
Araraquara	906.448	12.382	73.206
Monte Azul Pta	1.814.957	13.711	132.372
Pirangi	690.496	5.871	117.611
Viradouro	496.414	4.949	100.306
Tabatinga	551.587	5.939	92.022

Fonte: Censo Agropecuário 1980

(*) somente laranja

Tabela 2.7 - Participação da área colhida com laranja na área total dos estabelecimentos dos principais municípios citrícolas paulistas (1970 a 1980)

Município	1970	1975	1980	Variação %
				1980/1970
Monte Alto	0.02	0.05	0.10	400.0
Boa Esp. Do Sul	0.006	0.01	0.04	966.6
Dobrada	0.07	0.10	0.15	114.3
Barretos	0.002	0.02	0.05	2400.0
Colina	0.02	0.11	0.17	750.0
Pitangueiras	0.04	0.06	0.12	200.0
Santa Ernestina	0.21	0.17	0.11	(-) 47.6
Taquaritinga	0.07	0.17	0.24	242.8
Itápolis	0.006	0.03	0.09	1400.0
Matão	0.02	0.04	0.13	550.0
Santa Rita P. Quatro	0.02	0.03	0.13	400.0
Bebedouro	0.23	0.32	0.49	113.0
Araraquara	0.04	0.06	0.12	200.0
Monte Azul Pta.	0.14	0.32	0.50	257.1
Pirangui	0.05	0.15	0.29	480.0
Taiuva	0.05	0.16	0.34	580.0
Viradouro	0.06	0.14	0.23	283.3
Tabatinga	0.05	0.12	0.18	260.0
Fernando Prestes	0.04	0.27	0.19	375.0
Nova Europa	0.02	0.10	0.18	800.0
Taiacu	0.02	0.08	0.25	1150.0

Fonte: Censo Agropecuário 1980

Pelos dados apresentados na tabela acima percebe-se que o município de Santa Ernestina aparece como o único caso de diminuição da área relativa colhida com laranja. Todos os demais tiveram evolução em suas participações relativas na área cultivada de laranja, sendo que os principais destaques foram os municípios de Barretos, Itápolis e Taiacu que elevaram suas participações respectivamente em 2400%, 1400% e 1150%.

Esta série de dados apresentados acima demonstra que ao longo da década de 70 a cultura de laranja passou a ter uma importância econômica cada vez maior para essa região do Estado, sendo que esses municípios passaram a

ter uma dependência crescente em relação ao desempenho da atividade em termos econômicos.

Tabela 2.8 - Participação do valor da produção da cultura de laranja no valor da produção)animal e vegetal dos principais municípios citrícolas (70-80)				
Município	1970	1975	1980	Var. % 80/70
Monte Alto	0.05	0.10	0.11	120
Boa Esp. Do Sul	0.07	0.08	0.11	57.1
Dobrada	0.14	0.20	0.18	28.6
Barretos	0.01	0.07	0.22	2.100,00
Colina	0.21	0.24	0.47	123.8
Pitangueiras	0.10	0.20	0.19	90.0
Santa Ernestina	0.74	0.31	0.09	(-) 87.8
Taguaritinga	0.18	0.30	0.33	83.3
Itápolis	0.05	0.11	0.24	380.0
Matão	0.07	0.15	0.24	242.8
Sat. Rita P. Quatro	0.13	0.14	0.23	76.9
Bebedouro	0.78	0.82	0.82	5.1
Araraquara	0.21	0.14	0.21	0.0
Monte Azul Pta.	0.55	0.65	0.84	52.7
Pirangi	0.16	0.36	0.64	300.0
Taiacu	0.05	0.11	0.47	840.0
Taiuva	0.17	0.29	0.46	170.0
Viradouro	0.24	0.30	0.47	95.8
Tabatinga	0.32	0.30	0.40	25.0
Fern. Prestes	0.14	0.20	0.37	164.3
Nova Europa	0.07	0.22	0.29	314.3

Fonte: Censos Agropecuários

Os dados da tabela 2.8 permitem observar a evolução das participações relativas dos valores gerados pela cultura de laranja. Novamente o caso de Barretos aparece como o grande destaque, pois em 1970 essa atividade correspondia a apenas 1% do valor da sua produção agropecuária total, sendo que uma década depois a participação elevou-se para 22,0% (crescimento de 2100%). Em Taiacu o peso da produção citrícola no valor da atividade

agropecuária eleva-se de 5,0% para 47,0%, ou seja, um crescimento de 840% enquanto que em Itápolis o crescimento foi de 380%.

A produção citrícola é marcada na DIRA de Ribeirão Preto a partir da década de 70 por alguns aspectos econômicos e sociais que possibilitam a partir daquele momento um rápido crescimento como demonstrado na seção anterior. A produção caracterizou-se por ser realizada em médias-grandes propriedades que utilizam alto percentual de insumos modernos como máquinas agrícolas, implementos e insumos químicos, além do grande número de trabalhadores assalariados na atividade.

2.4.2 Tamanho dos estabelecimentos produtores

No Estado de São Paulo a estrutura produtiva da citricultura vem desde a década de 60 se concentrando nos estabelecimentos médios e grandes. Os estabelecimentos menores (com no máximo 10 ha) vêm progressivamente perdendo importância relativa, fenômeno contrário ao que ocorre com os demais estratos de área. Em 1960, os estabelecimentos de até 10 ha correspondiam a mais da metade (50,78%) do total dos produtores de laranja, participação que declina para 33,73% em 1970 e 24,47% em 1980. Os demais estratos, diferentemente dos menores, tiveram participação crescente no total, sendo que se destacam os dois grupos maiores que sofrem grande expansão entre os anos de 1960 e 1980.

São Paulo: Número de Estabelecimentos Produtores de Laranja								
Área (ha)	1960	%	1970	%	1975	%	1980	%
Até 10	10.593	50.78	9.473	33.73	9.664	27.07	9.845	24.47
10 a 100	9.108	43.66	14.636	52.12	19.824	55.65	23.822	59.22
100 a 1000	1.129	5.41	3.722	13.25	5.714	16.04	6.218	15.46
Maior que 1000	31	0.15	248	0.88	433	1.19	343	0.85
TOTAL	20.861	100.00	28.070	100.00	35.620	100.00	40.228	100.00

Fonte: Censos Agrícolas (1970, 1975, 1980)

A tabela 9 permite chegar-se a conclusão que a importância econômica das pequenas propriedades na citricultura paulista está em declínio desde a década de 60, processo que acompanha a instalação das empresas processadoras e que transforma radicalmente toda a estrutura da atividade citrícola. As empresas processadoras passam a ser o “novo mercado” e se inserem no contexto da agroindústria citrícola que apresenta novas exigências técnicas e econômicas.

Tabela 2.9 - São Paulo: Produção de laranjas por grupos de área (1000 frutos colhidos)

Área (ha)		1970	%	1975	%	1980	%
Até 10		515.009	6.04	471.375	2.82	537.024	1.67
10 a 100		3.145.491	36.92	6.193.719	37.11	11.753.126	36.47
100 a 1000		3.922.661	46.04	8.125.438	48.69	16.291.810	50.56
1000 a 10000		933.661	10.96	1.875.538	11.24	3.630.029	11.26
Maior que 10000		3.573	0.04	21.938	0.13	11.252	0.03
TOTAL		8.520.395	100.00	16.688.021	100.00	32.223.243	100.00

Fonte: Censos

Agropecuários (1970, 1975, 1980)

Os estabelecimentos com tamanho entre 10 ha. e 1000 ha. são aqueles que mais adequadamente respondem a essas novas exigências, constituindo o grupo das propriedades com maior força econômica na atividade. Representam mais de 80% da quantidade total colhida durante a década de 70, com a produção tendendo a se concentrar cada vez mais, pois esse estrato passa a ocupar espaço perdido pelas pequenas propriedades (de até 10 ha.).

Com isso observa-se uma clara tendência de deslocamento da produção para estabelecimentos maiores, que possuem maior capacidade de produção, adequando-se mais facilmente às políticas das empresas processadoras que preferem operar com um número menor de fornecedores.

Capítulo 3

3.1 A Modernização da Agroindústria: O progresso técnico e a consolidação do CAI citrícola

Na análise do desenvolvimento da citricultura paulista, deve-se considerar que o desenvolvimento agrícola caminha juntamente ao processo de constituição dos complexos agroindustriais. A presença do capital industrial, aliada às políticas estatais, foi decisiva para a constituição do complexo e pelo progresso técnico alcançado pelo setor.

Como afirma Silva, "os investimentos realizados a partir de 1955 para a implantação do D1 criou condições de iniciar a internalização também do D1 para a agricultura. Mais do que isso, os setores industriais pressionavam exatamente pela modernização da agricultura preocupados com a oferta de alimentos e matérias-primas" (Graziano da Silva, 1989: p.316).

O CAI citrícola de Ribeirão Preto, sendo caracterizado como consolidado, resulta com que tanto o setor produtor de máquinas e implementos para a agricultura como o setor processador possuam características próprias em termos estruturais. No setor citrícola, as agroindústrias de suco concentrado de laranja possuem papel fundamental na estrutura do complexo, atuando como um fator de sustentação de todo o CAI devido suas interligações com todos os segmentos que o compõe.

Em relação ao D1, as agroindústrias estão fortemente interligadas através da aquisição de insumos próprios para o processo produtivo de suco concentrado, armazenamento, transportes e coleta de matéria-prima. Com o progresso técnico alcançado pelo CAI e devido ao crescimento da demanda do mercado externo tais relações tornam-se cada vez mais específicas e fundamentais na dinâmica do complexo.

Merece grande destaque o papel do progresso técnico no desenvolvimento e consolidação do CAI citrícola na região analisada. Quanto maior for a interação entre agricultura e indústria, maior será a utilização tecnológica envolvida, sendo

que pode-se dividir a atuação do progresso técnico em duas frentes: 1) a inovação referente às máquinas, equipamentos e instalações e 2) ao modo particular de obtenção de produtividade em determinada unidade produtiva, utilizando-se de ferramentas como o planejamento, intercâmbio internacional e pesquisas, assim como aspectos referentes a organização do trabalho e mão-de-obra vigentes.

As inovações tecnológicas atuam na citricultura paulista através do crescimento da utilização de insumos modernos, na mecanização do plantio e atividades secundárias e também com o crescimento do uso da informática. No âmbito da organização do trabalho, o planejamento na utilização de microcomputadores permite ganhos como a redução dos custos da produção e aumento da produtividade dos pomares através de fatores voltados para pesquisa e mão-de-obra atuante.

Destacam-se dessa maneira alguns vetores fundamentais voltados para o progresso técnico na citricultura da região de Ribeirão Preto no Estado de São Paulo. As inovações tecnológicas atuam reforçando a substituição do trabalho humano por maquinaria nas atividades tradicionais do campo, combinada com modificações na organização do trabalho, permitindo assim menores custos e aumento de produtividade. Tal progresso técnico é decorrente em grande parte do poder de atuação dos capitais industrial e financeiro que se somam a uma série de políticas desenvolvimentistas do governo federal na constituição do complexo agroindustrial para a citricultura paulista.

O crescimento do uso de insumos modernos, da mecanização (caracterizada principalmente pela tratorização) e o início do uso da informática acabam alterando a particularidade da atuação do progresso técnico no complexo agroindustrial citrícola, voltando-se progressivamente do segmento produtor de matéria-prima (laranja) para a agroindústria. Após anos de evolução técnica e administrativa dentro da unidade produtora de suco concentrado de laranja, as inovações tecnológicas alcançaram os pomares pela iniciativa das grandes agroindústrias que passam a adquirir grandes áreas voltadas a produção de laranja.

A década de 90 inicia uma nova fase, com as agroindústrias passando a voltarem-se para as unidades agrícolas, visando o desempenho e a qualidade dos pomares e com isso o aumento da produtividade e redução ao máximo dos custos de produção. Isso tornou-se viável após atingirem um nível tecnológico de produção aceitável para os padrões de concorrência exigidos pelo mercado externo. O controle dos pomares por microcomputadores possibilita um controle muito mais preciso de uma série de fatores como a evolução da produtividade, o rendimento de cada funcionário, as variedades da plantação ou do tipo do solo.

A atuação do progresso técnico no CAI citrícola retrata também mudanças na organização do trabalho não somente nas unidades processadoras de suco concentrado de laranja, mas também no meio agrícola produtor de matéria-prima (laranja). Trabalhando com modelos de administração e planejamento baseados na informatização, as unidades agrícolas pertencentes às grandes agroindústrias possuem:

a) Mão de obra fixa durante todo o ano: Isso ocorre devido a presença de outras culturas na propriedade agrícola. Dessa maneira a mão de obra utilizada na cultura de laranja poderá ser utilizada em outras plantações que ocorrem em diferentes períodos do ano. Participando de treinamentos e coordenação constantes, é vantajoso para a fazenda manter seus trabalhadores empregados durante o ano todo, deixando de depender da contratação temporária;

b) Meios de produção em trabalho constante: Os tratores, implementos e máquinas utilizados para a citricultura não ficam sem utilização durante a entressafra. Estes passam a serem usados para o cultivo de outros produtos agrícolas em áreas não transformadas em pomares. A diversificação de produtos caracteriza tais áreas, sendo que os mais comumente encontrados são: café, milho, feijão e algodão. Os tratores, por exemplo, são usados na preparação da terra e plantio dos pomares enquanto os implementos realizam o auxílio ao plantio, manejo e pulverizações.

c) Manejo integrado de pragas: Com o objetivo de detectar pragas e doenças nas diversas culturas da fazenda, principalmente para citros. Com

treinamentos e orientações periódicas, tais atividades exigem grande atenção por parte dos trabalhadores envolvidos.

d) Distribuição criteriosa das máquinas: realizando um cronograma anual pré-estabelecido, a administração da propriedade busca otimizar a utilização dos equipamentos assim como realizar um levantamento dos preços dos insumos necessários às plantações.

É importante destacar uma atenção especial na análise do papel do progresso técnico como vetor do desenvolvimento pelo qual o complexo agroindustrial citrícola vem passando ao longo das últimas décadas. O progresso técnico atua com influência significativa em todo o CAI, e não apenas na parte agrícola, dada que essa atividade se relaciona com os demais segmentos. Isso é observado no CAI citrícola da região de Ribeirão Preto, assim como em outras culturas agrícolas do país que constituíram complexos.

"A transição do modo de produzir-distribuir na agricultura não pode ser examinado no âmbito restrito da agricultura, mas nas inter-relações entre esta e os dois segmentos industriais que com ela compõe o CAI. Ou seja, para se explicar as especificidades das atividades agrárias – modernas e atrasadas, da região Norte e Sul, das áreas de fronteira e das áreas consolidadas – há que se levar em conta as fortes conexões entre os três segmentos do CAI" (MULLER, 1989: p. 61).

Ao longo do processo de modernização da agricultura paulista, com conseqüente constituição do complexo agroindustrial, o progresso técnico potencializou o processo de industrialização da agricultura .

Merece destaque o papel do Estado que realizou políticas com forte estímulo para a atração de indústrias produtoras de bens de capital. A penetração de grandes grupos econômicos internacionais no complexo agroindustrial em formação iniciou a inserção do progresso técnico sob a ótica capitalista.

A atuação dos grupos econômicos não se limitou ao setor D1 da agricultura, e, pelo contrário, foi maior no setor processador de matéria-prima. O processo de agroindustrialização no setor citrícola está marcado pela penetração crescente (iniciada nos anos 60 e que se estende até os dias atuais) de grandes unidades industriais oligopólicas nas regiões agrícolas do Estado de São Paulo que são

mais tecnificadas, notadamente Campinas e Ribeirão Preto. O aparecimento das empresas multinacionais – como Cargill e Citrosuco – paralelamente ao fortalecimento das nacionais – como a Cutrale – faz com que o progresso técnico torne-se o fator determinante para o comportamento do setor citrícola.

A modernização que se observa nas unidades de produção agrícola (mesmo sendo “conservadora” e parcial como afirmam vários autores) quando acontece é devido à vinculação com as indústrias produtoras de insumos, induzindo os pomares para maior produtividade e redução dos custos.

Na região de Ribeirão Preto observa-se que estas conseqüências atingiram basicamente as propriedades maiores (é importante destacar que desde o início da atuação do progresso tecnológico no agronegócio brasileiro os médios e pequenos produtores tornaram-se marginalizados). “Se o papel do Estado como incentivador da produtividade agrícola permite aumentar a produção e a produtividade, a acumulação que esse crescimento do excedente permite dar-se-á fundamentalmente no setor industrial de insumos e de processamento. Na agricultura, com exceção de poucas grandes empresas capitalistas, os estabelecimentos de pequeno porte que se capitalizam não atingem geralmente nenhum incremento relevante de sua renda” (Sorj, 1980:p.66).

Com o avanço do progresso técnico no setor agroindustrial citrícola, os segmentos de sustentação do complexo – D1, agricultura e agroindústria – se consolidaram na economia do país. Na essência das inter-relações entre estes três principais segmentos do CAI está o progresso tecnológico, atuando como elemento de valorização do capital. As agroindústrias, capitalizadas e oligopolizadas, trazem consigo a capacidade de agir no seu comportamento por estarem atuando em todas as inter-relações e, dessa forma, serem o agente detentor da dinâmica do CAI citrícola.

3.2 A Formação da Agroindústria Cítrica Paulista

A década de 60 marca o início de uma nova era para a citricultura da região de Ribeirão Preto, e também para a do Estado de São Paulo, devido à instalação das empresas processadoras de sucos cítricos. A demanda industrial por volumes crescentes de laranja acentuou-se, chegando nas décadas de 70 e 80 a consumir mais de 80% do total de laranjas produzidas no Estado de São Paulo. As safras dos anos de 1984/85 e 1985/86 aparecem como grande destaque histórico porque o volume processado passou dos 90%.

Tabela 3.1 - Laranja, produção e utilização - São Paulo, período 1979/80 a 1990/91 (1000 caixas)

Ano	Total	Fresca	%	Processada	%
1979/80	150.000	31.000	20,0	124.000	80,0
1980/81	170.000	32.000	18,8	138.000	81,2
1981/82	180.000	25.000	13,9	155.000	86,1
1982/83	195.000	34.000	17,4	161.000	82,6
1983/84	200.000	35.000	17,5	165.000	82,5
1984/85	205.000	20.000	9,7	185.000	90,3
1985/86	239.000	19.000	7,9	220.000	92,1
1986/87	220.000	50.000	22,7	170.000	77,3
1987/88	220.000	40.000	18,2	180.000	81,8
1988/89	210.000	35.000	16,7	175.000	83,3
1989/90	296.000	44.000	14,9	252.000	85,1
1990/91	255.000	51.000	20,0	204.000	80,0

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

Atualmente a indústria processadora absorve aproximadamente 71 % da produção de laranja, sendo que outros 28,5% destinam-se ao consumo interno e a exportação do produto *in natura* corresponde a 0,5%³.

Analisando-se a distribuição geográfica dos pomares de laranja no Estado de São Paulo, verifica-se que as propriedades com maior produtividade estão

³ Associtrus - Associação Brasileira de Citricultores

localizadas na região de Ribeirão Preto (dados do Instituto de Economia Agrícola). As áreas da citricultura com desempenho superior a um milhão de pés em fase de produção encontram-se quase totalmente nessa região do chamado "cinturão agrícola" do Estado, que é constituído pelas DIRAs (Divisão Regional Agrícola) de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

Uma análise do desempenho produtivo das regiões do "cinturão agrícola" explicita a representatividade da região de Ribeirão Preto. As participações das três DIRAs na safra 1967/68 representou 85,68% do total de pés de laranja em produção no Estado, respectivamente 37,5% em Campinas, 39,5% em Ribeirão Preto e 8,7% em São José do Rio Preto. Na safra 1975/76 a região de Ribeirão Preto alcançou a representação de 47,5% do total do número de pés em produção, correspondendo a 50,5% da produção de laranjas do Estado. Em 1995/96 observa-se uma queda na participação da DIRA de Campinas, com 23,3% do total dos pés em produção, enquanto que na DIRA de S. J. do Rio Preto ocorreu acentuado crescimento chegando a 30,7% da produção estadual. A região de Ribeirão Preto alcançou sua maior representatividade ao longo da década de 70 como citado anteriormente, mantendo ao longo da década de 90 um desempenho próximo aos 40% do total produzido. A tabela a seguir permite identificar a hegemonia dessa região na citricultura paulista.

Tabela 3.2 - Participação das DIRAs de Campinas, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto no número total de pés e produção de laranja no Estado de São Paulo - safras 1970/71 a 1995/96 (%)

Ano	Campinas		Ribeirão Preto		São José do Rio Preto		Total	
	Pés	Produção	Pés	Produção	Pés	Produção	Pés	Produção
1970/71	37,48	37,43	39,45	38,59	8,70	8,65	85,63	84,67
1975/76	32,95	38,26	43,64	40,87	14,89	10,65	91,48	89,78
1980/81	28,11	25,30	47,44	50,70	17,74	15,46	93,29	91,46
1985/86	25,79	26,59	44,36	39,04	25,08	28,72	95,23	94,34
1990/91	22,91	25,65	44,34	41,25	28,77	27,83	96,20	94,73
1995/96	23,28	27,38	40,35	38,06	30,24	30,36	93,87	95,80

Fonte: IEA

Uma análise da produção atual dos principais municípios produtores da região de Ribeirão Preto evidencia que os municípios de Barretos e Bebedouro são os grandes destaques em relação a área destinada a produção e a quantidade colhida (dados do IBGE do ano de 2002). Conseqüentemente os dois municípios aparecem como os que mais geram valor a partir da citricultura (tabela 3.3). Porém, apesar de grande destaque na região, a produção de laranja para processamento industrial em Barretos caiu de 45,59 milhões de caixas para 33,1 milhões no intervalo compreendido entre 1999 e 2003. Tal fato reflete um processo de deslocamento da citricultura de São Paulo do Norte para o Sul do Estado (dados do Instituto de Economia Agrícola).

Tabela 3.3 - PAM - Produção Agrícola Municipal 2002 Área destinada a colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor segundo os municípios (laranja)					
Município	Área destinada a colheita (ha)	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (Kg/ha)	Valor (1000 R\$)
Colina	6.312	6.312	123.624	19.585	25.204
Pitangueiras	94	94	1.836	19.531	374
Santa Ernestina	181	181	4.222	23.325	861
Taquaritinga	10.807	10.807	197.839	18.306	40.335
Matão	10.000	10.000	237.921	23.792	48.507
Santa Rita do Passa Quatro	5.000	5.000	124.848	24.969	25.454
Bebedouro	16.406	16.406	382.025	23.285	77.887
Araraquara	7.000	7.000	158.760	22.680	32.368
Monte Azul Paulista	8.125	8.125	193.065	23.761	39.362
Pirangi	8.403	8.403	105.814	12.592	21.573
Viradouro	1.562	1.562	29.702	19.015	6.056
Tabatinga	10.250	10.250	245.935	23.993	50.141
Dobrada	200	200	3.734	18.670	761
Ribeirão Preto	78	78	510	6.538	104
Pitangueiras	94	94	1.836	19.531	374
Araraquara	7.000	7.000	158.760	22.680	32.368
Barretos	15.000	15.000	332.928	22.195	67.877
Nova Europa	1.000	1.000	32.319	32.319	6.589

Fonte: IBGE

3.3 A Restruturação do Complexo Citrícola

Acompanhando o crescimento produtivo no “cinturão citrícola” do Estado, as agroindústrias instalaram-se nas regiões de Ribeirão Preto e Campinas no início da década de 70. Até aquele momento as primeiras agroindústrias estavam localizadas em cidades como Limeira e Araraquara. O crescente desempenho das regiões de Ribeirão Preto e S. J. do Rio Preto, ao mesmo tempo em que Campinas apresentava queda em sua representatividade, motivou a agroindustrialização do noroeste do Estado. A maior parcela das empresas foi instalada na região de Ribeirão Preto.

"Para alguns, a indústria cítrica brasileira era uma operação transitória, que deveria encerrar-se quando os pomares da Flórida, recuperados da geada, voltassem a abastecer as fábricas locais. Entretanto, as condições de produção de laranja e de suco no Brasil eram diferentes da Flórida e com o tempo começaram a prevalecer certas vantagens comparativas. Apesar da menor produtividade dos pomares, os custos de produção no Brasil eram mais baixos, em virtude do menor valor das terras, do baixo custo da mão de obra e das facilidades oferecidas pelo governo para a expansão da exportação" (Hasse, 1987). Nessa passagem Hasse cita a geada na Flórida em 1962 que chegou a destruir 13 milhões de árvores adultas e tornou-se um grande impulso para o desenvolvimento da citricultura brasileira, pois os americanos não tinham matéria-prima para abastecer o seu mercado interno e os mercados europeus, abrindo assim espaço para a produção brasileira.

A região de Ribeirão Preto possui importante papel na evolução das agroindústrias de suco concentrado no Estado de São Paulo. Estas foram atraídas, principalmente ao longo dos anos 70, para a região noroeste do Estado onde se localizavam os pomares citrícolas, encontrando um setor próspero que se voltava totalmente para o mercado externo. O segmento agroindustrial começou a trazer para a região e para o setor citrícola grandes grupos econômicos que iniciaram o processo de constituição do complexo agroindustrial da laranja. Ao longo das três últimas décadas pode-se citar como exemplos de empresas que se estabeleceram, entre outras: Citrosuco, Cutrale, Cargil, Frutesp, Citrovita, Cambuhy (todas essas localizadas na região noroeste do Estado de São Paulo).

Uma das características dessas empresas é a utilização da capacidade ociosa planejada como forma de concorrência inter-capitalista. Como observa Maia (1992), em anos de produção normal as fábricas paulistas funcionam entre maio de um ano e janeiro do ano seguinte, sendo que o pico ocorre entre setembro e novembro (utilização total da capacidade instalada). No período que não compreende o pico de produção, verifica-se uma ociosidade que pode chegar a 40% do maquinário existente.

A forma de atuação das agroindústrias dentro do complexo agroindustrial cítrico paulista segue as características de uma estrutura oligopolista, com as grandes agroindústrias utilizando de uma capacidade ociosa planejada para defender suas participações no mercado, num movimento concentrador ao longo do tempo. A margem de manobra das agroindústrias acaba sendo limitada pois o ritmo e comportamento das mesmas dependem basicamente da agricultura. Dessa maneira a sazonalidade das safras obriga as empresas a trabalharem com elevados graus de estocagem, devido a existência de períodos cíclicos de pico e queda na produção. Assim, por mais tecnificada e tecnologicamente madura que seja a estrutura de processamento, o ritmo da produção estará sempre dependendo da oferta da agricultura.

Poucas atividades mostraram um crescimento tão rápido nos últimos anos como a laranja no estado de São Paulo: entre 1985 e 1996, por exemplo, a produção passou de 218 milhões de caixas de 40,8 kg para 335 milhões - um crescimento de 63%. Segundo dados da Secretaria de Agricultura de São Paulo, a laranja ocupa hoje uma área de 700 mil hectares, inferior apenas à da cana e das pastagens; são 207 milhões de árvores, das quais cerca de 15% em fase ainda de formação, indicando que o crescimento da produção deverá ainda persistir nos próximos anos. Estima-se que o setor gere cerca de 400 mil empregos diretos e indiretos, gerando mais de US\$ 1 bilhão de exportações e uma arrecadação para o estado de São Paulo de US\$ 350 milhões por ano de ICMS - o principal imposto de circulação de mercadorias do país.

A situação de oligopólio competitivo que caracteriza o setor mantém-se praticamente inalterada desde sua implantação, embora tenha havido entradas e saídas de empresas de pequeno e médio porte ao longo dos últimos anos. O parque paulista, responsável por 95% do total da indústria cítrica nacional⁴ é controlado basicamente por quatro grandes empresas, respectivamente: Cutrale, Citrosuco, Coimbra/Frutesp e Cargill, também conhecidas como 4C. A tabela abaixo explicita a tendência de concentração de mercado ao longo dos últimos anos a partir da capacidade instalada das empresas líderes.

⁴ Abecitrus - Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos

Tabela 3.4 -Índice de concentração das empresas exportadoras citrícolas de 1998 a 2003

Índice	1998	1999	2000	2001	2002	2003
CR4 (4 > empresas em %)	66,1	67,4	66,7	75,4	71,2	78,2

Fonte: Secex/Mdic

O índice de concentração CR4 consiste no somatório da participação de mercado das quatro maiores empresas exportadoras citrícolas. Percebe-se que embora este setor seja concentrado, tal fato não poderia ser diferente, pois não é grande o número de empresas atuando neste mercado.

Apesar do alto grau de concentração atual, no período de consolidação do complexo agroindustrial cítrico paulista os níveis eram ainda maiores. A década de 80 se destaca como o período de maior concentração, período em que esta superou a casa dos 90% em anos como 1985.

Tabela 3.5 - Indicadores de concentração - 1970 a 1992

Indicador	1970	1975	1980	1985	1990	1992
2 > emp %	63,15	51,5	59,96	63,17	61,53	54,14
4 > emp %	86,83	71,56	89,64	90,21	86,75	76,22

Fonte: IEA (instituto de Economia Agrícola)

Ao longo do período que marca a consolidação do complexo agroindustrial citrícola no Estado de São Paulo, quatro empresas de processamento sempre dominaram o setor. As mudanças nos graus de concentração ao longo do tempo se devem às compras e vendas de empresas que foram sendo adquiridas pelos grandes grupos econômicos nacionais e internacionais.

Tabela 3.6 - Participação dos grupos processadores de suco no total de capacidade instalada (extratoras) em São Paulo - 1970,1975,1980,1985,1990 e 1992 (%)

Grupo	1970	1975	1980	1985	1990	1992
Citrosuco	39,47	23,41	24,8	33,37	33,4	29,09
Cutrale	23,68	28,09	35,16	29,8	28,13	25,05
Cargill (1)	15,79	9,36	15,62	16,9	14,69	12,95
Frutesp (2)	7,89	10,7	14,06	10,14	10,53	9,13
Outros	---	---	10,36	9,79	13,25	23,78

Fonte: IEA (Instituto de Economia Agrícola)

(1) até 1977, Citrobrasil

(2) ex-Sanderson, atual Coinbra

Até o ano de 1975, as quatro maiores processadoras de suco concentrado eram respectivamente a Citrosuco, Cutrale, Citrobrasil e Sanderson. Enquanto no período 1970/75 a Citrosuco perdia para a Cutrale a liderança no processamento cítrico, caindo de 39,5% para 23,4%, e a empresa nacional de Araraquara alcançava 28,1%, a Citrobrasil (terceira maior empresa) era adquirida pelo grupo multinacional Cargill e a Sanderson passava a incorporar a Frutesp, cooperativa pertencente aos próprios produtores rurais da região de Bebedouro. A década de 70 marca o crescimento da participação dos grupos multinacionais em todo o Estado, sendo um bom exemplo dessa tendência a aquisição da agroindústria Avante de Limeira (possuidora de significativa produção nos anos 70) pela Citrosuco e também pelo aumento da atuação do grupo Cargill.

Uma característica importante do desenvolvimento da indústria processadora de suco concentrado de laranja é a distinção quando comparado com a experiência de outros setores industriais. O padrão típico da industrialização no Brasil foi passar por um primeiro período de produção exclusiva para o mercado interno para posteriormente voltar-se ao exterior. Isso não ocorreu na indústria de suco concentrado de laranja, que se voltou integralmente desde sua formação para o mercado externo.

Figura 3.1 - Localização das indústrias processadoras da região de Ribeirão Preto



Fonte: CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada

3.4 A Agroindústria Citrícola

Com a formação e consolidação da agroindústria citrícola cria-se um novo tipo de mercado para a produção de laranjas. Inicialmente a maior parte da produção era comercializada com as firmas de exportação da fruta *in natura*, ou mesmo com os comerciantes do mercado interno do produto de forma direta. A determinação do preço do produto nessa época era tanto influenciada pelas cotações internacionais como pelos determinantes internos de oferta e procura dos mercados urbanos.

Em função dos crescentes volumes demandados e do comportamento dos níveis de preço do produto, a indústria processadora passou a assumir o papel dinâmico da geração de lucros da atividade. Com isso passa a se observar um processo progressivo de subordinação da atividade citrícola à atividade processadora no conjunto da agroindústria.

Após a consolidação da agroindústria citrícola, em meados dos anos 70, a produção de laranja na região de Ribeirão Preto tornou-se extremamente dinâmica, apoiando-se numa base técnica produtiva bastante homogênea – propriedades tecnificadas em busca de responder aos estímulos de um mercado favorável.

A importância do processamento industrial para a atividade citrícola pode ser visualizada na tabela a seguir. Este mostra a distribuição comercial da laranja *in natura* no Estado de São Paulo. Aparece com destaque a grande participação das laranjas processadas no total da disponibilidade comercial de laranjas.

Tabela 3.7 - São Paulo: Produção e Fluxos de Distribuição da Laranja in Natura

Indicadores	Safras					
	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84
Produção	155,0	170,0	180,0	184,0	181,0	210,0
Perdas não comercializadas	5,0	5,5	4,0	5,0	9,0	5,0
Disponibilidade Comercial	150,0	164,5	176,0	179,0	172,0	205,0
Consumo	26,0	28	25,0	25,0	40,0	30,0
Exportação	2,0	2,0	1,0	2,0	4,0	2,0
Processamento	122,0	134,5	150,0	152,0	128,0	173,0

Fonte: IEA

De uma forma geral pode-se estruturar o complexo agroindustrial citrícola em cinco subsistemas básicos, detalhados a seguir: Esquema adaptado a partir do proposto por Smrecsanyi (1979)

I - O subsistema de produção citrícola, particularmente de laranja

II - O subsistema de infra-estrutura institucional, incluindo o apoio do Estado em créditos, incentivos fiscais, pesquisas agrônômicas e assistência técnica. Aqui

se inclui a FUNDECITRUS (Fundação Paulista de Defesa da Citricultura), criada em 1977 e mantida em partes iguais por citricultores e indústria processadora. Atuando junto a órgãos governamentais, propõe a defesa da citricultura contra pragas, doenças, etc, bem como financia pesquisas científicas na área.

III – O subsistema de fornecimento de insumos extra setoriais (máquinas, implementos, adubos, fertilizantes, mudas, etc)

IV – O subsistema canais de comercialização de laranja

V – O subsistema de processamento industrial de laranja (indústria processadora de sucos cítricos)

3.5 Principais aspectos técnicos e comerciais da agroindústria

Em relação à estrutura geral do comércio de laranja no Estado de São Paulo, pode-se dividir o destino da laranja em dois grandes blocos, sendo respectivamente o do consumo *in natura* e o da industrialização. A partir de dados do IEA (Instituto de Economia Agrícola) chega-se a conclusão que mais de 80% da atual produção da região em estudo (seguindo aproximadamente a média do Estado de São Paulo) destina-se ao processamento industrial. O restante é dividido entre as cooperativas e as *packing houses*⁵, sendo que a parcela referente às cooperativas é inferior a das *packing houses*.

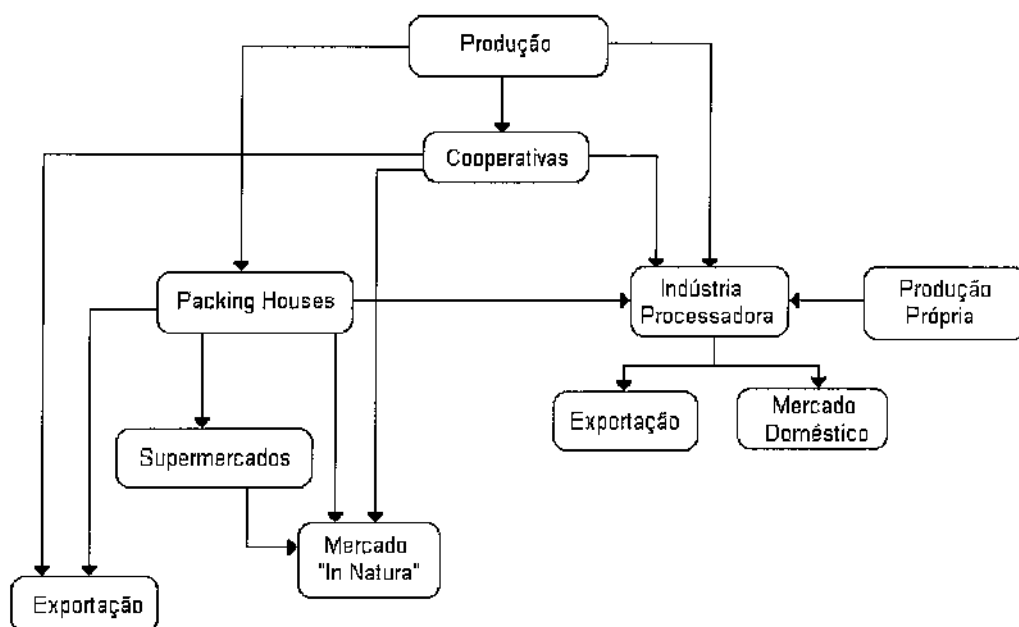
O produto *in natura* passa por um processo de selecionamento e beneficiamento nas *packing houses* ou nas cooperativas, que irão posteriormente

⁵ (*) *Packing Houses* são várias empresas e comerciantes que adquirem as frutas juntos aos fruticultores na região e procedem o processo de seleção, classificação, etiquetagem e embalagem para venda aos atacadistas, supermercados e pequenos varejistas. Em alguns casos, são esses agentes que gestionam a colheita das frutas que compram, contratando mão-de-obra externa para, em seguida, proceder as etapas de transporte, manuseio pós-colheita e atribuir uma marca própria aos produtos, que serão levados ao mercado. Tratam-se, normalmente, de agentes da intermediação que dispoem de infra-estrutura de transporte e de embalagem, estabelecem contratos com pequenas redes de supermercados, varejistas e casas comerciais especializadas, passando a abastecer diversos pontos localizados no Nordeste e em outras regiões do país.

destiná-lo ao consumo direto ao mercado doméstico (quitandas, feiras livres), aos supermercados, à exportação ou à própria indústria processadora.

Figura 3.2

Principais Fluxos na Comercialização da Laranja no Estado de São Paulo



Fonte: Martinelli (1987)

A indústria processadora, por sua vez, é a principal receptora de laranja *in natura*, contando inclusive com suprimento de produção própria, com um volume que vem crescendo ao longo dos anos. O investimento em pomares próprios reflete a tentativa de verticalização do processamento, ficando as processadoras assim cada vez mais independentes das demais fontes de suprimento. Esse investimento na produção própria possui dois pontos principais que são a busca por uma maior margem de lucro, já que é diminuído o custo de matéria prima no processamento industrial, além de atuar como um fator de pressão sobre os citricultores, na tentativa de impor preços mais baixos para a matéria prima.

3.6 Desempenho, Oligopólio e Barreiras

A caracterização oligopolista do segmento agroindustrial citrícola concretizou-se no final dos anos 70 com a crescente atuação dos grandes grupos econômicos nacionais e multinacionais. As grandes agroindústrias mantiveram desde o início da modernização do setor as melhores posições no mercado de suco, seja pela qualidade do produto ou pelas funções de comercialização.

O caso do setor agroindustrial citrícola existente nas regiões central e noroeste do Estado de São Paulo enquadra-se como um típico caso de oligopólio concentrado, caracterizado pela ausência de diferenciação de produto, dada a natureza essencialmente homogênea. O oligopólio é marcado pela alta concentração técnica com poucas unidades produtivas controlando parcela substancial da produção e do mercado, sendo que a verticalização da produção se destaca dentre as principais transformações em curso. A classificação teórica proposta por Sylos-Labini é a que melhor identifica as formas de comportamento econômico deste setor como chama atenção Garcia (1993), apontando que o elevado capital inicial mínimo para a atuação de empresas no setor agroindustrial citrícola é, por si só, uma importante barreira à entrada. Como o controle de tecnologia também é uma importante barreira, quer de produto ou de processo, a relação das agroindústrias processadoras com as indústrias fornecedoras de máquinas e implementos no interior do CAI é fundamental para a caracterização destas empresas.

Uma outra característica fundamental do setor, podendo ser considerada típica dos oligopólios concentrados, é a introdução de novos procedimentos que permitem reduzir custos e melhorar a qualidade dos produtos.

3.7 - Características da produção

A citricultura paulista apresentou um crescimento praticamente ininterrupto desde a década de 60, quando se iniciou a industrialização de citros no Brasil, até o começo da década de 90, quando a citricultura da Flórida começou a se recuperar de uma série de geadas que a afetaram durante a década de 80.

A recuperação da produção norte-americana resultou na diminuição das exportações brasileiras para aquele mercado, o setor enfrentou um período de baixos preços e uma série de doenças que atingiram as plantações, resultando em queda da produtividade.

Atualmente a citricultura paulista enfrenta o enorme desafio de se renovar, sendo umas das saídas utilizadas o deslocamento para a região central do Estado onde, aparentemente, são melhores as condições de enfrentar algumas doenças devido às condições dos solos e alterações climáticas.

A citricultura paulista, que responde por cerca de 85% da produção brasileira de laranjas e por 95% da exportação de suco concentrado congelado, passou a se destacar na economia nacional a partir dos anos 70 com a crescente atuação e desempenho de sua participação no mercado externo. Tal expansão deve-se primeiramente ao potencial de produção, às vantagens comparativas e oportunidades de mercado. Em todo o Estado, para o qual a região de Ribeirão Preto contribui fortemente, a cultura da laranja ocupa uma área superior a 700 mil hectares onde estão plantadas aproximadamente 200 milhões de árvores, resultando num complexo produtivo que utiliza mais de 15 mil tratores e cujo valor é estimado em mais de US\$ 5 bilhões (Associtrus).

Este é o maior complexo citrícola mundial, desenvolvido a partir do crescimento das exportações e pela atuação das grandes agroindústrias do setor no mercado internacional. O suco de laranja é um importante produto de geração de divisas para o Brasil, que exporta cerca de US\$ 1,5 bilhão anualmente para mais de 40 países. Os EUA compram 15% da produção brasileira (2003), já que seus processadores não são capazes de atender à enorme demanda do país. O continente europeu responde por 70% das vendas brasileiras no mercado externo,

ou seja, volume que se situa em torno de 700 mil toneladas ao ano e geração de recursos superiores a US\$ 1 bi por ⁶. Os principais consumidores são os países da Europa Germânica: Suíça, Alemanha, Holanda e Escandinávia, embora ao longo dos últimos anos, com o registro de altas temperaturas em todo o continente europeu, países que tradicionalmente não consomem suco de laranja em grande volume, a exemplo das áreas do mediterrâneo, aumentaram as compras do produto.

Mesmo o Brasil atuando como o principal mercado exportador (mais de 70% do total de suco concentrado de laranja no mercado mundial) o comportamento do mercado norte americano é o responsável direto pela determinação do preço da laranja nas bolsas de valores. Dessa maneira, é grande a dependência do complexo cítrico brasileiro, e logo o paulista, para com o comportamento do mercado norte-americano. O crescimento produtivo dos países exportadores de suco de laranja vem causando reviravoltas no mercado externo e causando extrema preocupação nos agentes do complexo cítrico.

Tabela 4.1 - Principais produtores de laranja e suco de laranja concentrado congelado 2000/2001

País	Laranja (em mil t)*		Suco concentrado (em t)**	
		%		%
Brasil	15.953	34	1.106.000	47
EUA	11.980	25	1.064.102	44
México	3.100	7	44.000	2
Espanha	2.828	6	45.500	2
Outros	13.156	28	116.529	5
Total	47.017	100	2.376.131	100

Fontes: * USDA - united States Department of Agriculture - Feb 2002;

** National Agriculture Statistics Services and US Department of Commerce

O Brasil, principalmente São Paulo, e o Estado da Flórida, nos Estados Unidos, dominaram a produção de suco cítrico concentrado congelado ao longo

⁶ Abecitrus – (Associação Brasileira dos Exportadores de Cítricos)

da década de 80. Nestas duas regiões, a produção se especializou no atendimento à indústria processadora. Na maioria dos outros países produtores, setor industrial é um usuário residual do fruto, cujo destino principal é o consumo *in natura*.

O desempenho do suco concentrado brasileiro no mercado internacional sempre foi atingido pelas imposições de países importadores através de barreiras tarifárias e não tarifárias. Um fato importante para o futuro das exportações nacionais, que afetou fortemente a citricultura paulista na década de 90, foram as elevadas tarifas que os EUA aplicam às importações de concentrado de suco de laranja do Brasil e as preferências tarifárias dadas ao México e à Costa Rica pelo Acordo Norte Americano de Livre Comércio (Nafta). Estas reduziram substancialmente a participação relativa do produto brasileiro no mercado norte-americano. Ela caiu de 90% do concentrado de suco importado pelos EUA em 1992 para 55% em 1998. Nesse mesmo período, as exportações do México para os EUA cresceram mais de 800% (de menos de US\$ 7 milhões para mais de US\$ 65 milhões) e as da Costa Rica, 600% (de US\$ 4 milhões para US\$ 18 milhões). Em valores correntes, os US\$ 205 milhões que os citricultores brasileiros venderam no mercado norte-americano em 1998 significam menos que os US\$ 230 milhões faturados em 1992.

A menos que o Brasil obtenha concessões semelhantes às que os EUA concedem ao México, durante as negociações para a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) a partir de 2005, a participação brasileira no mercado norte-americano de concentrado de suco de laranja tende a diminuir ainda mais. O Nafta possibilita a redução, ao longo de quinze anos, das tarifas americanas impostas à entrada do suco mexicano. Esta situação acaba agravando a competição ao produto brasileiro, já que ambos são supridores do mercado americano.

Na verdade o único país que realmente ameaça o suco brasileiro no mercado americano é o próprio Estados Unidos. Nas questões referentes ao Nafta as agroindústrias citrícolas brasileiras vem assimilando a perda do mercado norte-

americano (EUA e Canadá), mais em função da recuperação da Flórida do que da possível ameaça mexicana produzida pela implantação do Nafta.

Como o produto em questão é uma “commodity” cotada em bolsa de mercadorias, o suco está sujeito a variações de preços substanciais, ocasionadas por aspectos que vão desde acidentes climáticos, como geadas, até por descompassos na oferta que acabam por resultar em alterações no consumo, isso porque o mercado consumidor de suco possui grande elasticidade.

Na região de Ribeirão Preto pode-se dividir a atividade agrícola em três grupos distintos: os produtores independentes, os produtores dependentes ligados diretamente às agroindústrias e os pomares próprios das agroindústrias. Os produtores independentes são os que apresentam reduzido volume tecnológico e produtivo, localizando-se em áreas não muito próximas às grandes agroindústrias. Já os produtores vinculados diretamente às agroindústrias possuem melhores condições pelo fato de que algumas empresas oferecem assistência técnica e administrativa aos seus fornecedores, visando com isso receber em troca maior rendimento da produção rural com a crescente eficiência dos pomares. O elevado nível tecnológico na atividade agrícola fica por conta dos pomares próprios das agroindústrias, que possuem acesso à modernas técnicas de tratos culturais e à utilização de software de planejamento e administração de propriedades, na busca de maior produtividade por pé e melhor qualidade da fruta.

O caso dos pequenos produtores independentes chama atenção quando se observa a evolução da estrutura produtiva. Segundo dados apresentados por Amaro e Maia (1997), do início dos anos 80 até meados dos anos 90 pode-se observar de um lado, um aumento no tamanho médio dos pomares de laranja no estado, aumento este mais acentuado naqueles que já eram considerados grandes e médios produtores de laranja; e de outro, um crescimento do número de pequenos que se viram atraídos pelos bons resultados propiciados pela citricultura no período. Ou seja, estaria se consolidando também na laranja uma distribuição de produtores pequenos de um lado e grandes e médios de outro.

Como destaca Silva (1998), aproximadamente 90% dos citricultores paulistas hoje existentes colhem menos de 10 mil caixas de laranjas

(correspondendo aos pequenos e médios produtores), o que nos preços atuais resultaria numa renda bruta por volta de US\$ 20 mil por ano e possivelmente uma renda líquida mínima ou até mesmo negativa para aqueles localizados em regiões mais distantes das fábricas. A alternativa desses pequenos produtores tem sido a venda da fruta para mercado interno, na busca de uma melhor remuneração. O mercado interno de fruta fresca, no entanto, também vem sendo disputado pelos grandes produtores, que para aí destinam a sua fruta de melhor aparência. Na verdade pode-se dizer que esses dois mercados - o de laranja para indústria e o de consumo "in natura" - estão cada vez mais interligados. Fruteiros com "packing house" e intermediários de distintos portes se misturam hoje na compra e transporte de laranja no estado, ora destinando o produto diretamente para o consumo, ora entregando para as indústrias. Como consequência, aumentou a oferta de laranja comercializada "in natura" e a competição fez cair ainda mais o preço pago pela fruta no mercado interno, inviabilizando assim de forma definitiva os pequenos produtores das regiões citrícolas mais antigas. Outro problema enfrentado pelos pequenos produtores é a maior dificuldade em enfrentar uma série de doenças que atacam os pomares e com isso dificultam a oferta de frutos de boa qualidade para a indústria processadora.

Um novo e promissor mercado interno que vem crescendo nos últimos anos é o de suco de laranja pronto para consumo nas suas mais variadas formas (reconstituído, pasteurizado, feito na hora, etc.). De acordo com a Abecitrus, além dos sucos integrais (que correspondem aos sucos industrializados), o mercado de suco de laranja pronto é dividido ainda em frescos e reconstituídos. Os frescos são aqueles produzidos na hora do consumo em estabelecimentos comerciais como padarias e bares, por extratoras de pequeno porte (estima-se que cerca de 80% das laranjas "in natura" vendidas no mercado interno são transformadas nesse tipo de produto).

Capítulo 4

4.1 Conclusões

A citricultura da região de Ribeirão Preto sofreu modificações estruturais significativas ao longo do período 1960/2000 que alteraram sua representatividade no mercado mundial de suco concentrado de laranja. A demanda crescente do continente europeu e a necessidade norte-americana de suprir o mercado interno devido às geadas foram elementos fundamentais que induziram a modernização que o setor alcançou neste período.

A constituição e posterior consolidação do complexo agroindustrial citrícola surgiu com a instalação das agroindústrias processadoras de suco concentrado e conseqüente aprimoração do nível tecnológico. O progresso técnico enfrentado pelas agroindústrias permitiu ao segmento processador de suco concentrado ser o “pilar” de sustentação e o agente ditador da dinâmica deste complexo agroindustrial.

A citricultura paulista acompanhou o processo de mudança tecnológica que impulsionou a modernização em vários setores agrícolas brasileiros e que foi facilitado pela expansão das rodovias, pela modernização do parque industrial e a integração dos sistemas de crédito a juros subsidiados (juntamente com incentivos fiscais).

As transformações do setor cítrico tornaram-se viáveis com a implantação das indústrias de bens de produção (D1) para as agroindústrias. A internalização deste setor industrial para o país representou uma nova configuração tecnô-econômica e permitiu a consolidação do complexo agroindustrial citrícola, vinculando definitivamente a produção de citrus ao setor de máquinas e implementos e à indústria processadora de produtos de origem agrícola.

Dessa maneira conclui-se que a formação e consolidação do CAI cítrico é um produto da modernização da agricultura e da carência pelo produto (suco concentrado) dos mercados consumidores dos países do primeiro mundo. Com o

CAI consolidado nessa região do estado de São Paulo, o desenvolvimento das atividades da citricultura passou a depender da dinâmica industrial, movimento acompanhado pela perda progressiva de representatividade da agricultura. Esse novo padrão agrário brasileiro, baseado pela industrialização da agricultura remete a um reconhecimento de uma dinâmica própria de cada complexo individualmente. Assim como outros setores da agricultura brasileira que já possuem CAI consolidado, os segmentos do complexo agroindustrial citrícola passaram a ter uma dinâmica própria. Nesse contexto, o perfil da produção citrícola no país apresenta caracterização diferenciada por regiões, sendo que algumas possuem maior representatividade pela atuação do progresso técnico e pelas relações capital trabalho. A região de Ribeirão Preto apresenta atualmente a maior concentração de agroindústrias processadoras de suco concentrado de laranja e propriedades que se destacam pela produtividade. Um dos motivos para esse resultado foi a opção dos grupos agroindustriais em instalar suas unidades produtivas próximas às grandes fazendas produtoras de laranja. Como descrito no capítulo 3, a concentração da citricultura ocorreu ao longo das últimas décadas ao longo do chamado “cinturão citrícola”, envolvendo as regiões de Ribeirão Preto, Campinas e, mais recentemente, São José do Rio Preto. As grandes agroindústrias, seja de capital nacional ou internacional, estão localizadas no “cinturão”, preferencialmente na região de Ribeirão Preto.

Ao longo de todo o período a incorporação de progresso tecnológico foi intensa, visando com isso alcançar maior participação no crescente mercado consumidor externo. As possibilidades de automação micro-eletrônica no setor de processamento e o início de um processo de informatização na administração do meio rural tornaram o setor muito tecnificado. Na atividade agrícola a modernização se fez presente através da incorporação de novas tecnologias e pela crescente utilização de microcomputadores no controle e supervisão de eventos. A modernização permitiu a redução de custos e o aumento da produtividade no campo

Na agroindústria de processamento, o progresso técnico possibilitou o nível de automação existente, atualmente representando um dos estágios mais avançados no processo de automação industrial do país.

Após trinta anos de evolução técnica e administrativa da produção, as agroindústrias de suco concentrado atingiram um nível de produtividade e eficiência bem aceitável para os padrões exigidos pelo mercado externo. A atuação passou a buscar a qualidade e o desempenho dos pomares, com o claro interesse em aumentar a produtividade do pé, melhorar a qualidade do fruto e reduzir ao máximo os custos de produção agrícola.

As especificidades do CAI citrícola na região de Ribeirão Preto acabam por revelar o modo de atuação do progresso técnico neste setor da agricultura brasileira como afirma Garcia (1993): "Quanto maior a interação entre agricultura e indústria, maior será a atualização tecnológica envolvida. De um certo modo, o progresso técnico atua diante de dois aspectos: a inovação tecnológica, referente às máquinas, equipamentos e instalações, e ao modo particular em se obter maior produtividade em determinada indústria, com planejamento, intercâmbio internacional e pesquisas; e nas características de organização do trabalho e da mão de obra empregada".

O nível tecnológico alcançado pelo setor agroindustrial no período 1960/2000 foi significativo. As empresas que compõe o segmento processador estabeleceram de uma maneira marcante as barreiras à entrada típicas dos oligopólios concentrados, sendo responsáveis por mudanças estruturais na atividade agrícola ao longo dos anos.

Trabalhando com a perspectiva de crescimento do mercado externo, as empresas nacionais e multinacionais estão buscando uma maior integração da produção através da implantação de pomares próprios, gerando dificuldades para os produtores independentes. Estes, já desanimados pela pequena margem de lucro, sofrem há alguns anos a concorrência dos pomares das agroindústrias e acabam cada vez mais marginalizados frente às exigências das agroindústrias de suco concentrado (que historicamente foram suas maiores demandantes) para melhor qualidade da matéria-prima e produtividade dos pomares. A consequência

desse fato tende a ser o crescimento da área cultivada pelas próprias agroindústrias e o aumento das exigências das mesmas para maior qualidade do fruto comprado junto aos demais produtores.

O progresso técnico pode ser apontado como responsável pelo início do processo de informatização dos pomares, dentro da lógica empresarial de redução dos custos e aumento da produtividade. Tal processo torna-se possível apenas dentro de unidades muito capitalizadas, inviável para pequenos e médios produtores independentes, que não mantêm grandes vínculos com a agroindústria de suco concentrado. Com grande planejamento estratégico e formas de gestão de grandes empresas, os grandes pomares agroindustriais acabam por deslocar o pequenos e médios pomares independentes para segunda opção na oferta de matéria prima para o processamento.

Com o avanço do progresso técnico no setor agroindustrial citrícola, os segmentos de sustentação do complexo – D1, agricultura e agroindústria – se consolidaram na economia do país. Na essência das inter-relações entre estes três principais segmentos do CAI está o progresso tecnológico, atuando como elemento de valorização do capital. As agroindústrias, capitalizadas e oligopolizadas, trazem consigo a capacidade de agir no seu comportamento por estarem atuando em todas as inter-relações e, dessa forma, serem o agente detentor da dinâmica do CAI citrícola.

Trabalhando sob a lógica da produção capitalista, as agroindústrias do CAI citrícola da região de Ribeirão Preto desenvolvem a modernização do setor de maneira oligopólica e voltada para o mercado externo.

Bibliografia

AMARO, A. e MAIA, L. (1997). Produção e Comércio de Laranja e de Suco no Brasil. Informações Econômicas, S. Paulo.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS EXPORTADORES DE CITRUS – ABECITRUS – <http://www.abecitrus.com.br>

CAMARGO, A. P. e SANTOS, Z. A P. (1985), Mudanças na composição agrícola paulista: O caso da soja, da laranja e da cana-de-açúcar. São Paulo, Relatório de Pesquisa 10/85 – Instituto de Economia Agrícola.

CENSO AGROPECUÁRIO – Instituto Brasileira de Geografia e Estatística. Edições: 1970, 1975, 1980, 1985, 1995-96.

DELGADO, G. (1984). Capital Financeiro e Agricultura no Desenvolvimento Recente da Economia Brasileira, Campinas, Tese de Doutorado, IFCH/UNICAMP

DRADONE, D. S. (2003). Formas de organização da produção e decisões de terceirização na citricultura, Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo, Piracicaba.

FUNDO DE DEFESA DA CITRICULTURA – FUNDECITRUS – <http://www.fundecitrus.com.br>

GARCIA, A. (1993). A nova análise da citricultura brasileira nos anos noventa. Laranja, v. 14, n.1, p 1-30, junho 1993.

GARCIA, R. C. & MARTINE, G. Os impactos sociais da modernização agrícola. São Paulo, Ed. Caetés, 1987.

KAGEYAMA, A.(1985). "Modernização, produtividade e emprego na agricultura – uma análise regional. Tese de doutoramento – UNICAMP. Campinas, 1985.

KAGEYAMA, A. (1987). "O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: Do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais". Unicamp.

KAGEYAMA, A. & SILVA, J. G. A Dinâmica da Agricultura Brasileira: Do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais. Campinas, 1988. (mimeografado).

KIYUNA, I. Modernização da agricultura e distribuição da renda no Estado de São Paulo. Piracicaba, 1980. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo.

MARAFON, J. C. (2001). "Industrialização da Agricultura e Formação do Complexo Agroindustrial no Brasil". UFRJ

MARTINELLI, O. O complexo agroindustrial no Brasil: Um estudo sobre a agroindústria citrícola no Estado de São Paulo. São Paulo, 1985. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo

MÜLLER, G. O. (1981) O complexo agroindustrial brasileiro. Relatório de Pesquisa.SãoPaulo.

MÜLLER, G. O. (1982) Agricultura e industrialização do campo no Brasil. Revista de Economia Política. São Paulo, 2(2):47-77, abril-junho de 1982;

NUNES, R. (2004). Sistemas agroindustriais e desenvolvimento regional: convergências e especificidades. FZEA-USP, março de 2004

RAMOS, P. Agroindústria canavieira e propriedade fundiária o Brasil. Tese de doutoramento – Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 1991.

RANGEL, I. Questão agrária, industrialização e crise urbana no Brasil. Porto Alegre, Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

SILVA, J.G. Complexos Agroindustriais e outros complexos. Reforma Agrária. Campinas, 3 (21): 5-34, 1991.

SILVA, J.G. Agroindústria e Globalização: O caso da laranja do Estado de São Paulo – UNICAMP. Campinas, 1998.

SILVA, J.G. e KAGEYAMA, A. (1980). O processo de produção na Agricultura (Uma Introdução Rural), Campinas, DEPE/Unicamp

SORJ, B. (1980). Estado e Classes sociais na agricultura brasileira, Rio de Janeiro, Editora Zahar.

SMRECSANYI, T. (1979). "Sugestões de um Esquema de Análises do Setor Agropecuário", São Paulo, in revista Contexto n° 4.

SUGAR & SWEETENER. Situation and Outlook Report. Washington: USDA , march, 1996.

URBINA, L.S. Modernização da agricultura paulista e as mudanças estruturais no mercado de trabalho rural. São Paulo, 1984. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo.